

Sob as cinzas do tempo

Carlos A. Baccelli Inácio Ferreira

Romance

ANO 2001

Revisão: Fausto De Vito

Arte-Final da Capa: Marcos Ferreira

Composição, diagramação e impressão:

Editora Vitória Ltda.

Av. Cei. Joaquim de Oliveira Prata, 668

38022-290 - Fone/Fax; (0\*\*34 3336-6588 - Uberaba, MG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Baccelli, Carlos Antônio

Sob as cinzas do temporomance / Carlos

Antônio Baccelli, Inácio Ferreira. - Votuporanga, SP:

Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier", 2001.

ISBN 85-86423-73-4

1. Espiritismo 2. Romance brasileiro

I. Ferreira, Inácio II. Título

01-1038CDD-133.93

índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo133.93

Copyright 2001 by (c)

CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER"

(Homenagem ao 1S editor das obras de Allan Kardec

Rua Leonardo Commar, 1.127 - Bairro Pozzobon

Tronco central: Tel/Fax (0\*\*17 421-2176

CEP 15503-135 - Votuporanga, SP - Brasil

E-mail: didier@zaz.com.br -Site: www.mariadenazare.com.br

TODO O PRODUTO DESTA EDIÇÃO É DESTINADO À MANUTENÇÃO DO

LAR BENEFICENTE "CELINA" E SEUS DEPARTAMENTOS, OBRA SOCIAL DO GRUPO

ESPÍRITA "MARIA DE NAZARÉ" (VOTUPORANGA, SP

lã edição - Do 1 - ao 102 milheiro Abril/2001

Fazendo o registro destas reminiscências, a nossa intenção não é outra senão destacar, a quantos se dignarem correr os olhos sobre estas páginas, a

magnitude da

Lei que, através da bênção das vidas sucessivas, nos possibilita

ressurgir de sob as cinzas de nossos equívocos transatos para a glória da luz inalterável

da Verdade.

Não tivemos, como não temos, na catalogação destes apontamentos, qualquer pretensão de natureza literária e nem nos preocupou a ordem cronológica dos

acontecimentos

narrados, tomando, de nossa parte, sob a orientação dos

nossos Maiores, a devida cautela para que os principais personagens envolvidos na trama não sejam, por alguma nossa falha, identificados.

Esperando que esta obra coopere para a edificação dos sentimentos, exaltando a excelência da Doutrina dos Espíritos para os que almejam agora acertar os

passos nas

sendas do Bem, agradecemos ao Céu pela oportunidade de continuar servindo além da morte, ao mesmo tempo em que formulamos aos nossos companheiros

de ideal os

melhores

votos de paz e progresso espiritual.

Inácio Ferreira  
Uberaba, 15 de maio de 2000.

índice

1.a PARTE

No SANATÓRIO11  
O ESPÍRITO OBSESSOR16  
BITTENCOURT SAMPAIO21  
O CASAL DE SITIANTE26  
MARIA DAS DORES31  
ENCONTRO PROVIDENCIAL36  
PROVEITOSA CONVERSA41  
A FUQA DE PAULINHO.46  
SEGUNDA SESSÃO51  
No OUTRO DIA56  
O MEU PACIENTE 61  
LURDINHA66  
No PAVILHÃO MASCULINO71  
VISITANTE ILUSTRE76  
O CONFRONTO81  
NAMORADOS86  
DEPRESSÃO SUPERADA91  
FOÇO-SELVAQEM96  
DONA QUERUBINA101  
QUARTA-FEIRA106  
FALANDO DE NÓS MESMOS111  
CUIDANDO DO JARDIM116

Primeira parte.

Aquele pai chegara ao Sanatório Espírita de Uberaba e, aflito", pedira a Manoel Roberto que me chamasse para uma consulta ao filho doente.

Visitando o pavilhão  
das

mulheres, conversava com uma delas, fazendo-me acompanhar pela médium DONA Maria Modesto Cravo, quando o prestimoso enfermeiro me avisou:  
- Doutor Inácio, tem um senhor na sala de espera... O caso me parece grave. Trata-se de um fazendeiro das proximidades do Capão-da-Onça com seu filho. O menino está amarrado...

Deixando DONA Modesta conversando com a paciente, prestes a receber alta, fui ver do que se tratava. Com o chapéu na mão, o sitiante me cumprimentou e, antes que

efetuasse qualquer pergunta, explicou-se:

-Estou aqui por causa do meu menino, Doutor.

Paulinho está com dezessete anos e já rodamos muitos médicos; estivemos até em Ribeirão Preto... Há dois anos estamos nesta luta. Em casa ninguém mais tem sossego... Somos católicos: a mãe dele não queria que eu viesse procurar o senhor, mas... O senhor me desculpe

a

franqueza - não acreditamos muito nessa história de Espiritismo.

Estendi-lhe a mão em cumprimento, procurando deixá-lo à vontade, e perguntei:

-Por que o garoto está amarrado?... Não há perigo; o senhor poderia soltá-lo... Não é mesmo, Paulinho?

- disse, passando a destra na sua cabeleira empastada de suor. Levantando os olhos para mim, posto que até então havia permanecido de cabeça abaixada, o menino me fitou como se alguém estivesse a me olhar através de suas pupilas castanhas...

-Não, Doutor - disse o fazendeiro, de nome Juliano -, não convém que o soltemos assim... O senhor ainda não o viu numa de suas crises; ele já danificou diversos quartos de hospital... Ele fica tomado - é uma coisa estranha! Não damos conta de segurá-lo. Paratrazê-lo até aqui, tive que pedir ajuda a dois peões de uma fazenda próxima... Ele grita, diz palavras, fala coisas sem sentido...

Fazendo breve pausa, o pai, de semblante sofrido, continuou:

-Maria das Dores, minha esposa, é muito católica: já tentamos sessões de exorcismo... Da última vez, ele quebrou uma imagem de São Sebastião e quase estrangulou

o padre que chamamos à fazenda... Fomos a Tambaú, e nada. Eu não sei se é doença ou se é o demônio... O senhor, por favor, nos auxilie. Aqui é a nossa última esperança...

Quando eu estava decidido a desamarrar o rapaz, DONA Modesta, chegando com Manoel Roberto, me disse:

-Inácio, não faça isto... Enquanto vocês conversavam, o espírito Bittencourt Sampaio pediu-me que viesse. Não se trata de um caso de obsessão como os de mais. Precisamos ter cautela.

À simples presença de DONA Maria Modesto no recinto, o jovem contorceu-se, na ânsia de se livrar daquelas cordas... Olhos injetados de sangue e face totalmente desfigurada, vociferou:

-Cadela!... O que é que veio fazer aqui? Eu estava planejando quebrar tudo... Vocês acham que vão me prender nesta fortaleza? Eu não estou sozinho... Somos também uma legião e vocês não são Jesus Cristo... Hipócritas! Eu os conheço muito bem - a você e a esse doutor de nada...

Quando Manoel Roberto quis intervir, com receio de que o filho do fazendeiro se soltasse, DONA Modesta o impediu, esclarecendo:

-Calma!... Não vamos nos precipitar. Esperemos pela sessão da noite. É possível que os nossos Mentores algo nos digam a respeito... De qualquer forma, Inácio, seria

bom mantê-lo isolado dos demais pacientes.

-Doutor - apartou, preocupado, o sitiante -, eu não tenho muito dinheiro... A aftosa matou muitas cabeças de gado na fazenda...

-Não se preocupe, Sr. Juliano. Este lugar é uma casa de caridade; aqui, o dinheiro não vem em primeiro lugar... - respondi. - O senhor terá que deixar o seu filho. Não prometemos nada. Volte no final da próxima semana. Existem casos que o Espiritismo soluciona...

Enquanto Manoel Roberto providenciava a internação de Paulinho, acompanhei aquele pai até à porta do Sanatório e despedimo-nos, vendo-o afastar-se num

jipe todo  
empoeirado.

Voltando ao consultório, onde as fichas de mais de três dezenas de pacientes estavam à minha espera, encontrei DONA Modesta, que desejava continuar o diálogo, abordando

o problema do rapaz.

-Inácio - disse-me, preocupada -, precisamos estar vigilantes... Trata-se de um adolescente, mas ele é forte. Não podemos nos descuidar. Convém que, por enquanto, ele não seja desamarrado; ele poderá agredir algum outro internado... Pude ver o espírito que o possui - ainda não vi nada igual por aqui. Ele escondeu o rosto, mas pude perceber que se trata de um homem,  
de

um homem vestido de batina... Acho que é um frade.

Orientando o companheiro que nos prestava relevantes serviços, tanto no campo da enfermagem quanto em nossas atividades espirituais no Sanatório, pedi que, inclusive,

o alimento lhe fosse dado na boca; que o banho ficasse para o outro dia... Antes de medicá-lo, aguardaríamos a sessão mediúcnica da noite.

14

Naquele resto de tarde, notei que o ambiente no Sanatório se modificara: dois pacientes tiveram crises epilépticas; um outro arremessou-se contra a parede; os

meus

gatos, de hábito tão tranqüilos, miavam como se estivessem sendo açoitados; funcionários discutiram na cozinha...

Quase às dezoito horas, horário em que o jantar era servido aos pacientes (os mais agressivos o recebiam nos quartos especiais em que permaneciam reclusos, Manoel

Roberto telefonou-me, apavorado:

- Doutor Inácio, aquele moço vomitou toda a comida em mim... Eu não entendo. Ele comeu a janta toda e jogou tudo para fora de uma golfada só! Sei que ele

fez isto

de propósito... Vomitou tudo e gargalhou... Convém darmos algum tranqüilizante a ele. Eu não sei o que está acontecendo, mas eu nunca tive antes ímpetos

de agredir

um paciente como tive de agredi-lo -tenho a impressão de que é o que ele queria que eu fizesse. O senhor já imaginou? Tive vontade de estrangulá-lo... Ele

quase

me hipnotizou com os olhos...

Acalmando o companheiro, após ter tomado banho em minha casa, por volta das dezenove horas, subi para o Sanatório, onde reduzido grupo de amigos se concentrava

para

a reunião de desobsessão daquela quarta-feira.

15Após a leitura de pequeno trecho de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", escolhido de propósito por mim, naquela passagem do menino lunático que o pai apresentara

a Jesus, Manoel Roberto proferiu a prece inicial e demos início à sessão. DONA Modesta não demorou a entrar em transe. Notei que, em especial naquela quarta-feira, ela estava mais preocupada- aliás, como todos nós no Sanatório.

A presença

daquele jovem, se nos inspirava piedade, igualmente nos deixava apreensivos.

No salão mergulhado na penumbra, de repente, DONA Modesta - médium de excelente faculdade psicofônica, disciplinada ao extremo - lançou o corpo para trás e teve

que ser amparada por mim, para que não batesse a cabeça no piso. Arfando o peito e mãos crispadas, como se estivesse tentando se controlar, a médium desferiu

estrondoso

soco na mesa e começou a gargalhar; aquele riso de deboche e de ironia ecoou por todo o Sanatório... Firmando o pensamento, pedi a assistência dos Mentores

Espirituais

que nos assistiam naquela casa, através de seus anônimos prepostos; roguei a intercessão do Doutor Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Bittencourt

Sampaio...

Virando-se para mim, que me posicionara ao seu lado, facilitando assim a tarefa da doutrinação, a médium começou a falar com uma voz masculina:

-Seu cachorro!... Então, vocês acham que algo

poderão contra mim?... Estão enganados. Aquele menino é meu, me

pertence... Eu quero acabar com eles todos! Não se intrometam. Eu não era assim, mas me

especializei

na tarefa de odiar... Eu também os conheço de longa data; agora vieram se esconder no Brasil, não

é?! Falam em Jesus Cristo, mas não era assim não... Você

e esta cadela não valem nada. Vocês também têm culpa...

Tentando interferir, balbuciei algumas palavras, que foram logo

rechaçadas por aquela entidade, que, até então, não se identificara.

-Cale-se!... - gritou através da médium, de semblante transfigurado. -

Não me fale de amor, de perdão... Tudo mentira! Vocês são hipócritas...

Eu os

conheço muito

bem. Moralistas infames! Sempre dominando, não é?! Mas, antes de acabar com vocês, acabarei com aqueles dois... Onde vim encontrá-los!... Tão longe de

casa... Certamente,

imaginaram que me enga-

Catãas \*zz4. I\$acce-t&i/~nácia y-ezzeiza

nariam. Eu os seguiria até ao fim do mundo. Tenho um faro

extraordinário... Posso cheirar um inimigo do outro lado do hemisfério...

-Meu irmão, deixe-me falar - argumentei, valendo-me de rápidos segundos

de silêncio do espírito, que se contorcia. - Vamos nos entender

conversando. O ódio

faz sofrer

- faz sofrer quem é objeto de suas vibrações doentias, mas faz sofrer

muito mais quem o secreta em suas entranhas... Jesus tem razão: só o

perdão liberta!...

Carecemos

de perdão recíproco para as nossas faltas. Eu não sei do que você está

dizendo, não me lembro, mas reconheço que devo ter errado muito...

-Reconhecimento tardio... - retrucou a entidade, levando a mão ao peito,

como se estivesse a segurar um crucifixo. Mas o meu assunto não são

vocês: o meu

desejo

maior é o de arrasar com aqueles dois... Já dizimei quase o rebanho inteiro daquela fazenda. Vocês acham que eu não sei?! Eu "trouxe" a doença de aftosa para o gado deles e vou envenenar aquelas águas... Já tentei incendiar aquela casa; tenho procurado fazer com que as cascavéis entrem nela!... Eu os quero de volta aqui!...

Principalmente aqueles dois...

-Quem é você, diga? - insisti, procurando interessá-lo no diálogo que ele não me permitia entabular.

-Curioso, hem?... Vocês não dizem que são médiuns?... Adivinhem! - redargüiu, permitindo-me alguns minutos de conversação.

-Eu não posso enxergá-lo, meu irmão - não sou dotado de clarividência -, mas, intuitivamente, quase que posso delinear os seus traços fisionômicos... Não lhe posso ver o rosto, no entanto tenho quase certeza da batina que você veste...

Quando me referi ao hábito religioso que, de fato, através da intuição, o percebia envergar, o espírito soltou um urro e, de novo, esmurrou a mesa.

-Feche essa boca, filho de Satanás!... Visto esta roupa, porque não tenho outra. Vocês têm espiões em toda parte; nós também os temos - estamos infiltrados no movimento de vocês, nesse arremedo de religião que chamam Espiritismo... Há gente nossa aí. Vocês estão todos de batina - padres e freiras depravados... Isto aqui é um convento ou é um lupanar? Quando é que vai começar a orgia?... Hospital, sanatório, casa de oração -que nada!... Estes pavilhões, estes doentes, verdadeiros zumbis dominados por vocês... Loucos? Não me obriguem a falar, pois seria um verdadeiro escândalo... Sexo e poder - é só com o que vocês se preocupam.

Pausando rapidamente, enquanto eu me preocupava com a psicófono, que exibia visível desgaste, a entidade falou em retirada:

-Desistam!... Primeiro, vou acabar com aqueles dois; mais tarde, acabarei com vocês... Terei muitos aliados para reduzir isto aqui a um monte de escombros.

Nuvens escuras pairam sobre esta construção; temos gente morando aqui até dentro das paredes... Vocês já ouviram falar dos mortos emparedados?

Vocês não sabem nada...

Intelectuais de superfície, pobres de espírito...

Cerca de trinta minutos haviam passado. DONA Maria Modesto procurou se recompor, enxugar a fronte suarenta e tomar um gole d'água. Percebi a sua grande aflição, o ritmo cardíaco descompassado, que, aos poucos, foi cedendo lugar à tranqüilidade. Com leve aceno, pedi a Manoel Roberto que se aproximasse e lhe transmitisse um passe, enquanto concitava os demais integrantes do grupo a se manterem de pensamento em oração.

Não tivemos outras manifestações de espíritos enfermos naquela noite. Antes, porém, da prece de encerramento, nos minutos finais que reservávamos para a palavra

de algum Mentor, recebemos a carinhosa e, como sempre, a providencial visita de Bittencourt Sampaio. De semblante renovado, DONA Modesta colocou-se de pé e começou a dizer, com o visível propósito de que aquelas palavras iniciais, ditas em saudação, saneassem o ambiente psíquico do recinto:

- Que a paz do Cristo esteja com todos!...

-Meus irmãos - continuou o Benfeitor, a impregnar o ambiente de tranqüilidade. - Não se preocupem em excesso. O irmão que se retirou ainda há pouco é um filho de Deus a caminho do arrependimento. Todos cometemos erros dos quais, infelizmente, às vezes, demoramos longo tempo para despertar. Todo sentimento de ódio, um dia, dará lugar ao amor. Não há espírito que suporte a si mesmo nas vibrações infelizes de revolta e de descrença... Mais cedo ou mais tarde, todos procuraremos pelo Aprisco Divino, do qual voluntariamente nos afastamos, em nossos anseios de realização pessoal. A ilusão é uma loucura que nos possui a mente; a ambição do poder é doença da alma; o prazer desmedido é um abismo profundo ao qual nos arrojam... Estamos a caminho; no entanto apenas começamos na jornada da ascensão espiritual.

Para nós, o Cristo ainda é uma luz de brilho distante... Não esmoreçamos, porém. Devagar, lograremos nos reerguer do pântano de nossas dores... Referindo-se, em particular, ao espírito que instantes atrás estivera conosco, a venerável entidade explicou:

- Nosso irmão é um companheiro que muito tem sofrido. Infelizmente, a sua condição mental não nos permite uma maior aproximação. Sendo indiretamente conduzido a esta casa, procuremos auxiliá-lo. A "Casa do Caminho", em Jerusalém, era um hospital para os doentes do corpo e da alma; não somente os leprosos e os paralíticos eram ali socorridos pela bondade dos Apóstolos: os dementes que viviam nas ruas e os obsessores de uma maneira geral nela encontravam o albergue da caridade...

Em toda a sua trajetória abençoada sobre a Terra, Jesus lidou com espíritos obsessores; a cada passo, vemo-lo ser interpelado pelas entidades espirituais que viviam sob o jugo das Trevas - espíritos que, em legiões imensas, dominavam o planeta, povoando-o em sua extensão física e espiritual, nas dimensões que se desdobram além dos limites da matéria grosseira...

Em nossa peregrinação, temos tido mais deslizos que acertos, mormente no campo da fé religiosa. O Espiritismo para nós outros representa, na atualidade, abençoada chance de redenção. Se não a aproveitarmos de maneira conveniente, sinceramente, não sabemos o que nos espera. No passado, através de sucessivas experiências reencarnatórias,

prevalecemo-nos do nome de Deus  
para dominar - a nossa intenção não era a de elevar a Terra ao Reino de Deus, mas, quanto possível, de fazê--lo vir até nós, para que não tivéssemos  
que abrir mão  
dos nossos caprichos e interesses. O caminho da humildade e da renúncia sempre nos pareceu demasiadamente sacrificioso. Por este motivo, pregávamos aBoaNova  
de espada  
em punho... As guerras mais sanguinolentas que assolaram a Humanidade sempre foram motivadas pela religião. Doutrinas existem que, inclusive, fazem da guerra um expediente divino, como se Deus pudesse aprovar a violência sob qualquer pretexto. Olvidamos o Senhor, que preferiu a morte ignominiosa na cruz... Durante trezentos  
anos, os cristãos aceitaram o martírio nos circos e nas fogueiras do testemunho, todavia, contemporizando com o paganismo, perderam a coragem de se imolar...  
De  
raro em raro, nos séculos que se sucederam até hoje, um espírito iluminado corporificava-se no mundo com o propósito de lembrar aos homens maus o caminho  
do qual  
se distanciaram... O movimento das Cruzadas, a Inquisição - lágrimas que se acumularam sobre lágrimas. Diríamos que, neste sentido, o carma do homem permanece  
intocado,  
ou seja, Deus, através das Leis que nos regem, permanece na expectativa do nosso fortalecimento espiritual para que possamos nos redimir dos crimes nefandos que  
praticamos em nome da fé...  
Ante o silêncio que se fizera naquela noite sem luar e sem estrelas, Bittencourt Sampaio prosseguiu:  
- Quase todos, meus irmãos, estamos vinculados  
de brilho distante... Não esmoreçamos, porém. Devagar, lograremos nos reerguer do pântano de nossas dores...  
Referindo-se, em particular, ao espírito que instantes atrás estivera conosco, a venerável entidade explicou:  
- Nosso irmão é um companheiro que muito tem sofrido. Infelizmente, a sua condição mental não nos permite uma maior aproximação. Sendo indiretamente  
conduzido a  
esta casa, procuremos auxiliá-lo. A "Casa do Caminho", em Jerusalém, era um hospital para os doentes do corpo e da alma; não somente os leprosos e os paralíticos  
eram ali socorridos pela bondade dos Apóstolos: os dementes que viviam nas ruas e os obsessores de uma maneira geral nela encontravam o albergue da caridade...  
Em  
toda a sua trajetória abençoada sobre a Terra, Jesus lidou com espíritos obsessores; a cada passo, vemo-lo ser interpelado pelas entidades espirituais que  
viviam  
sob o jugo das Trevas - espíritos que, em legiões imensas, dominavam o planeta, povoando-o em sua extensão física e espiritual, nas dimensões que se desdobram  
além  
dos limites da matéria grosseira...



Em nossa peregrinação, temos tido mais deslizos que acertos, mormente no campo da fé religiosa. O Espiritismo para nós outros representa, na atualidade, abençoada chance de redenção. Se não a aproveitarmos de maneira conveniente, sinceramente, não sabemos o que nos espera. No passado, através de sucessivas experiências reencarnatórias, prevalecemo-nos do nome de Deus 22 para dominar - a nossa intenção não era a de elevar a Terra ao Reino de Deus, mas, quanto possível, de fazê--lo vir até nós, para que não tivéssemos que abrir mão dos nossos caprichos e interesses. O caminho da humildade e da renúncia sempre nos pareceu demasiadamente sacrificioso. Por este motivo, pregávamos aBoaNova de espada em punho... As guerras mais sanguinolentas que assolaram a Humanidade sempre foram motivadas pela religião. Doutrinas existem que, inclusive, fazem da guerra um expediente divino, como se Deus pudesse aprovar a violência sob qualquer pretexto. Olvidamos o Senhor, que preferiu a morte ignominiosa na cruz... Durante trezentos anos, os cristãos aceitaram o martírio nos circos e nas fogueiras do testemunho, todavia, contemporizando com o paganismo, perderam a coragem de se imolar... De raro em raro, nos séculos que se sucederam até hoje, um espírito iluminado corporificava-se no mundo com o propósito de relembrar aos homens maus o caminho do qual se distanciaram... O movimento das Cruzadas, a Inquisição - lágrimas que se acumularam sobre lágrimas. Diríamos que, neste sentido, o carma do homem permanece intocado, ou seja, Deus, através das Leis que nos regem, permanece na expectativa do nosso fortalecimento espiritual para que possamos nos redimir dos crimes nefandos que praticamos em nome da Fé... Ante o silêncio que se fizera naquela noite sem luar e sem estrelas, Bittencourt Sampaio prosseguiu: - Quase todos, meus irmãos, estamos vinculados aos assuntos da religião desde épocas imemoriais, mormente os que, no corpo ou fora dele, nos encontramos presentemente ligados ao Espiritismo. Ao contrário do que muitos imaginam, não integramos a equipe da Codificação com Allan Kardec, na França, nos idos de 1857. Fomos atraídos pelo toque de reunir das Entidades Angélicas que ultimam, na Terra, o advento daNova Era. Se não nos valermos da oportunidade sublime, neste ocaso de século e começo do Terceiro Milênio de civilização cristã, seremos, com certeza, exilados para outros orbes de depuração. Não pertencemos, igualmente, às falanges de espíritos que nos primeiros tempos do Evangelho tomaram

a decisão de seguir o Senhor, escrevendo, com as próprias lágrimas, as mais belas epopéias de amor nos quais a Humanidade prossegue se inspirando. Mais recentemente, nos responsabilizamos pelos destinos da Igreja Católica, a guardiã dos princípios cristãos, que maculamos com os nossos interesses escusos. Tramamos a queda de muitos papas, subornamos copiadorees das Sagradas Escrituras, mormente das páginas do Novo Testamento... Imitamos Teodora, esposa de Justiniano, que, no segundo Concílio de Constantinopla, no ano 553, influenciou o imperador para que a crença na reencarnação fosse banida dos dogmas da Igreja, a qual, até então, era reencarnacionista; distorcemos e fizemos mergulhar no esquecimento as palavras de Orígenes, discípulo de Clemente de Alexandria, que afirmava a doutrina do Carma e da Palingenesia... Mandamos para a fogueira espíritos da envergadura moral de Giordano Bruno, de Jan Huss, de Girólamo Savonarola e tantos outros corrompemos, ameaçando com a morte, para que o povo, em permanecendo ignorante, se nos submetesse aos caprichos. Conspirando contra a fé alheia, terminamos descrentes e temos errado à margem dos caminhos do imediatismo. Sem o propósito de descer a detalhes que, de fato, não corroborariam conosco, imersos no véu do esquecimento, Bittencourt Sampaio encerrou a alocução, a qual tanto nos impressionara:

- Esse jovem, acolhido nesta casa pela misericórdia do Senhor, está sendo usado como instrumento de vingança pelo espírito que lhe devota aos pais entra-nhado sentimento de rancor. Esperamos que, em nossas próximas reuniões, ele mesmo decline os seus propósitos; todavia convençamo-nos, de uma vez por todas, que, sem a renovação íntima das supostas vítimas de qualquer processo obsessivo, os seus algozes não se sentem dispostos à menor mudança. Oremos para que as bênçãos do Mestre Nazareno nos auxiliem no serviço de auto-superação, possibilitando-nos o perdão recíproco, na indispensável iniciativa de reparar, uns diante dos outros, os erros que cometemos!...

Após a tarefa semanal das quartas-feiras no Sanatório, DONA Modesta, Manoel Roberto e eu deliberamos ver como estava o rapaz que os pais haviam confiado à nossa guarda. Mais de nove horas da noite, para nossa surpresa, fomos encontrá-lo em sono profundo e tranqüilo. Ele se mostrara agitado durante todo o dia. Estava ressonando sobre um colchão no quarto que havíamos adaptado para abrigar pacientes excessivamente agressivos. Olhando para mim, a devotada médium observou:

- Inácio, creio que agora ele poderá ser desamarrado; acredito que tudo ficará um pouco melhor...

Pedindo a Manoel Roberto que me auxiliasse, soltamos o jovem, o qual tinha o corpo todo esfolado, principalmente os braços, de tanto forçar a corda de bacalhau, na tentativa de libertar-se. Tirando também a sua camisa, observamos vários hematomas nas costas e no tórax... Quando das crises que o acometiam, o rapaz se lançava contra a parede e, para dominá-lo, o seu pai e os peões dos sítios da redondeza tinham que empregar a força. Enquanto a enfermeira de plantão preparava o café, fomos à cozinha e passamos a conversar.

-Doutor Inácio - disse Manoel Roberto -, estou impressionado! Estamos juntos há tantos anos, lidando com casos de obsessão semelhantes, mas...

-Eu sei o que você quer dizer - atalhei o amigo, que, de fato, se mostrava preocupado. - Eu também estou achando tudo isto muito estranho; o espírito obsessor parece

ter um carinho todo especial por este menino... O seu ódio, ao meu ver, se concentra mais sobre os pais dele... Vamos esperar. O casal ficou de vir na sexta-feira.

Faremos uma acareação. Ainda não pude conversar direito com o Sr. Juliano e nem conheço DONA Maria das Dores.

-Inácio - comentou DONA Modesta, auxiliando a servir-nos o café, que, de certa forma, nos recompunha as energias despendidas na reunião -, enquanto o espírito se manifestava por meu intermédio, tive estranhas visões: enxergava muitas fogueiras enfileiradas e pessoas

sendo queimadas... Tudo era muito escuro. Escutava palavras de anátema. Eram proferidas em outro idioma, mas eu sabia que os que ardiam naquelas fogueiras haviam

sido condenados por heresia... Percebi vultosnegros que se movimentavam. Foi uma intensa sensação de angústia e de temor. Não sei, mas acho que estávamos na Idade

Média; a aflição daquelas pessoas condenadas à morte ainda agora permanece comigo...

DONA Modesta, médium experiente, nossa orientadora espiritual naquele nosocômio, estava com mãos trêmulas - Manoel Roberto preocupado, ela emocionalmente abalada

e eu, confesso, sentindo-me inquieto como se algo estivesse prestes a acontecer.

No intuito de tranqüilizar os amigos, observei com descontração:

-Vocês estão impressionados à toa... Amanhã será outro dia. Parece até que vocês não estão acostumados com estas coisas. Nada que um bom sono não possa resolver. Vamos embora, que já passa das vinte e duas...

Amanhã, bem cedo, o Manoel Roberto tem quedar banho nessa turma.

Vendo-me acender um cigarro, hábito do qual nunca conseguira me libertar e que me levaria a um quadro de enfisema pulmonar, DONA Modesta advertiu-me:

-Inácio, você precisa deixar de fumar. Não adianta a piteira. Você está absorvendo nicotina do mesmo jeito... Tenho ouvido as suas tosses com frequência.

Lembre-se

que isto também é suicídio...

-Você tem razão - respondi, entre uma baforada e outra -, mas, dos muitos vícios que tinha, este é o único que conservei... O cigarro me ajuda a pensar.

Imagino

que na outra encarnação conseguirei me libertar. Fico sozinho em casa, olhando os meus livros e criando idéias para os meus artigos. Esta semana, o Bispo bateu

pe-

sado na gente. Preciso responder à altura... "A Flama Espírita" sai na próxima semana. Estou pensando em tocar no assunto da Inquisição e transcrever alguns

trechos

de "O Pântano Sagrado", o livro do Doca, Orlando Ferreira, confiscado, ainda no encadernador, pela autoridade judiciária, a pedido do então Bispo Diocesano,

no final

dos anos 40, o qual, logo depois, animado por este bom êxito, conseguiu também metê-lo na cadeia, sob a acusação de escrever-lhe cartas anônimas, e dele

obter confissão

e retratação públicas pela imprensa local.

Despedimo-nos e fomos embora. Naquela noite, custou-me pegar no sono.

Chegando a casa, após alimentar os meus gatos, fui direto para a biblioteca. Acendi outro

cigarro

e me pus a meditar, olhando aqueles livros enfileirados - alguns em edições raríssimas, obras condenadas pela Igreja, que o Clero mandara recolher e queimar.

Erguendo-me

da poltrona, apanhei na estante um pequeno livro de capa preta - um dos meus preferidos -, intitulado "O Papa Negro". Folheei-o e me detive no trecho em que os clérigos

da Inquisição, na Espanha, obtinham nos confessionários os nomes daqueles que se opunham aos dogmas católicos; a Inquisição se deturpara em seus objetivos:

problemas

personais eram solucionados sob o pretexto de escoimar a fé católica das heresias dos judeus, dos muçulmanos, enfim, de todos quantos representassem uma ameaça

à

hegemonia da Igreja. Fechando os olhos, em meio à fumaça do cigarro em espirais, fiquei me indagando por onde andariam, depois da morte, aqueles espíritos que se responsabilizaram por tantos horrores - Inácio de Loyola, Domingo de Guzmán e seu discípulo Pietro Da Verona, Tomás

de

Torquemada e Francisco Jiménez de Cisneros...

Na sexta-feira, antes um pouco do almoço, chegou o casal de fazendeiros do Capão-da-Onça, município vizinho, oficialmente denominado Rufinópolis. Cumprimentamo-nos

e, logo de início, percebi que a mãe do rapaz internado era estranha...

Apesar do calor, trajava um vestido de mangas compridas e cobria as costas com um xale

escuro.

Ela não estava à vontade em meu gabinete; olhava os retratos nas paredes e tinha um grande crucifixo na mão...

-Doutor Inácio - disse o Sr. Juliano, tomando a iniciativa do diálogo -, esta é Maria das Dores, mãe do meu filho. Como lhe disse, somos católicos. Maria

das Dores

não concorda com a presença do Paulinho aqui, mas não tivemos alternativa; levá-lo para um outro hospital fora do Estado fica muito caro e estamos atravessando

um

problema sério com a mortandade do gado na fazenda...

Estendi a mão àquela senhora e, ao cumprimentá-la, notei que a sua destra estava completamente gelada. Tive a impressão de que a minha mão tocara a de

um cadáver.

-A senhora se sinta em casa - observei, desconcertado.

-Não, o senhor me desculpe, mas não posso me sentir à vontade neste ambiente - respondeu a mulher, para espanto meu e do marido, que tentou amenizar:

-Maria das Dores, contenha-se. O doutor está nos prestando um favor; é espírita, mas é um homem de bem... Foi a comadre Gertrudes quem indicou o hospital.

Tem muita

gente internada aqui...

Transfigurando-se, a mulher, de porte esguio, levantou a cabeça e falou com o marido como se estivesse se dirigindo a um vassalo:

-Juliano, não se intrometa. Eu o conheço de longa data. Melhor seria se eu tivesse ouvido os conselhos de meus pais e nunca me casasse com você...

Não concordo

com

a internação do meu filho nesta casa de loucos. Isto aqui é um hospício... Eu não acredito em Espiritismo! Isto é obra do demônio...

Onde é que já

se viu uma coisa

destas?!

-Minha senhora-ponderei, tentando impedir que a discussão se agravasse -, não se preocupe desnecessariamente; o menino está melhor... Aqui não trabalhamos

a conversão

de ninguém. Sou, de fato, espírita, mas também sou médico. Controle-se.

Estamos empenhados na cura do seu filho. Ao que me parece, ele não tem nenhum problema

mental.

Desde quarta-feira, está mais calmo.

-Quarta-feira?!... O que tem quarta-feira?... -perguntou, olhos arregalados.

-E a nossa reunião de preces e temos os nossos contatos com o Mundo Espiritual... Manifestou-se um espírito inimigo da família; estamos conversando com ele,

mas

tudo depende de tempo... A experiência tem me ensinado que o equilíbrio dos pacientes depende, basicamente, do envolvimento da família no processo terapêutico.

-Contatos com o Mundo Espiritual!... Isto é bruxaria... Ah, se fosse noutra época! O mundo está mudado; os demônios estão vagando soltos pela Terra...

Vocês, médicos,

se acreditam Deus, não é?!

E, olhando algumas fotos na parede, indagou, colocando-se de pé e apontando o dedo para um quadro do Doutor Bezerra de Menezes:

-Quem é o barbudo? Algum opositor da Santa Madre Igreja?... Vocês, espíritas, são todos esquisitos...

Onde é que está o Paulinho? Quero ver o meu filho, já!...

-Doutor, o senhor me desculpe - aparteu o sitiante, sentindo-se envergonhado. -A minha esposa está deste jeito... Não sei o que fazer. Os assuntos dela são

todos assim... Foi um custo convencê-la a vir.

Fazendo-lhe leve aceno para que não se preocupasse, pensei que o lugar daquela senhora, infelizmente, seria também o Sanatório. Ela estava completamente alterada;

impossível sustentar com ela qualquer diálogo...

-Eu quero o meu filho... Onde é que está o meu filho? Foi o barbudo, não foi?! Foi, sim, o barbudo do quadro... Eu já o vi em sonhos... Juliano, vamos embo

ra!... - repetia a infeliz, sem, no entanto, derramar sequer uma lágrima. Via-se, sem dificuldade, que DONA Maria das Dores estava debaixo de tremenda influência espiritual. De nada lhe adiantaria oferecer um passe ou forçá-la a tomar algum medicamento.

Tendo que falar com um pouco mais de energia, asseverei:

-Vamos ver primeiro o menino... A senhora poderá ver que ele está bem. Não somos criminosos, minha irmã! Este lugar é uma casa de caridade, e a senhora

me faça o favor de moderar as palavras...

Eu havia aprendido com a experiência que, em alguns casos, o rigor funcionava, tanto com os obsidiados quanto com os obsessores. A autoridade moral na pala-

Clatúôs v=A. 72>acc&Mi/-náfw y-azzt2ím

vra tinha um efeito calmante. Jesus expulsara os vendilhões do templo e nenhum deles tivera coragem de se lhe opor à indignação; em várias oportunidades,

o Mestre

se dirigira com veemência aos espíritos perturbadores, ordenando-lhes que se calassem...

Conduzindo o casal por amplo corredor, fazendo--me acompanhar, como sempre, por Manoel Roberto, chegamos ao quarto do rapaz que, mais calmo, estava sentado na cama.

Mas, assim que viu a mãe, começou a gritar:

- Tirem esta mulher daqui!... Traidora! Vagabunda!... Eu vou matá-la...

Não perdôo... Tenho por você um ódio mortal. Saia daqui!... Eu a quero deste outro

lado!

Você me paga... Com o seu marido, não é tanto -este pamonha! -, mas com você... Quero estrangulá-la pelas mãos do seu próprio filho - o filho que você

pariu, sua

(...! Estou preparando tudo!

O moço se agigantara de tal forma, que, se Manoel Roberto não o tivesse contido, haveria de esganar a mãe diante dos nossos olhos; ele saltara sobre ela como

se

fosse um felino... Em fração de segundo, o transe acontecera. Totalmente fora de si, com aquela mesma voz que eu já estava aprendendo a identificar, investira

contra

a mãe, ante a quase completa passividade do pai.

Se fosse o caso, os três necessitariam de permanecer internados - pai, mãe e filho. No entanto havíamos sido procurados no Sanatório para prestar assistência médico-espiritual apenas ao rapaz.

Maria das Dores ficara tão assustada, que permaneceu muda, até ao momento em que nos despedimos daquele casal de sitiante, fazendo a seguinte recomendação:

-Voltem daqui a quinze dias... Gostaria que, daqui a duas semanas, tivéssemos mais tempo para conversar em separado. Mesmo não acreditando, a influência espiritual no caso do menino de vocês é patente.

-Doutor, não temos mais ninguém a quem recorrer - explicou o Sr. Juliano, ante a insensibilidade da esposa, que me parecia anestesiada. - Vocês me perdoem pelo incidente...

Pensei que o meu filho melhorasse com alguns medicamentos, mas estou vendo que, infelizmente, o caso dele é mais difícil... Não estou nem podendo trabalhar.

A Das

Dores deste jeito - reza, diante de um pequeno oratório que temos em casa, o dia inteiro...

-Vão com Deus!... - disse, observando o casal que se retirava, sem que eu nada pudesse fazer de imediato para lhe aliviar os padecimentos.

35No começo da outra semana, recebi em minha casa a visita sempre cordial do Doutor Odilon Fernandes. Militando, em suas atividades doutrinárias, na "Casa do Cinza",

instituição fundada por ele, em memória do Sr. Ludovice Fernandes, seu pai, Odilon era um companheiro dinâmico; a tarefa que desenvolvia em Uberaba, no campo social,

fazia excelente propaganda do Espiritismo, já que ele não hesitava, de público, em confessar a sua fé...

-Doutor Inácio, como vai o senhor? - disse-me ao abrir-lhe a porta de minha residência, estampando ele largo sorriso no rosto. - Há quanto tempo!... Parece até que

não residimos na mesma cidade!

-Ora, Odilon - respondi com presunção -, os nossos espíritos têm-se encontrado por aí... Eu não sei por onde o seu anda, quando dorme, mas o meu está por

aí... Por favor, vamos entrar. É uma honra recebê-lo em minha casa. Correndo os olhos pelos livros nas prateleiras, comentou:

-O Clero daria uma fortuna por algumas obras que o senhor tem aqui...

-Eu sei disto, Odilon, mas, você sabe, não vendo e não empresto; livro que a gente empresta costuma não voltar...

-Como vão as coisas no Sanatório, muito trabalho? Eu não sei como o senhor consegue conciliar tanta coisa...

-Vão mais ou menos - respondi, sentindo-me completamente à vontade com ele. - Os espíritos das trevas não nos têm dado tréguas: problemas em cima de

problemas. Gostaria

de contar com um médico de confiança para me ajudar, para que me sobrasse um pouco mais de tempo para escrever, mas ninguém quer nada com a dureza. As coisas

têm

melhorado; a perseguição da Igreja não é mais tão acirrada, no entanto o preconceito ainda vai demorar um bom tempo para se extinguir...

Enquanto tirava da gaveta da escrivaninha um cigarro de palha, que estimava saborear quando conversava com os amigos, perguntei, no diálogo que seguia sem interrupção:

-E lá no "Cinza", como vão as coisas? Muito trabalho com os médiuns? Médiun espírita precisa apanhar. Se não apanhar, não cumpre a obrigação...

- A luta não cessa, o senhor sabe disto. Toda semana tenho que andar atrás... Não me queixo, mas certos médiuns são tão perturbados, que deveriam morar

dentro do

centro. Passo para pegar a turma para a reunião de desobsessão; chego quase em cima do horário e ainda tenho que esperar... É embaraço de todo jeito: marido

com

ciúme da esposa; filho chorando, não querendo que a mãe vá ao centro; a vizinha que chegou para uma visita...

-Você tem muita paciência, Odilon. Se fosse comigo, as coisas seriam diferentes... Não concordo com você em essa história de pegar médiun em casa...

-Mas, se não for assim, Doutor, não tem reunião. Eu tenho pena, porque médiun sofre muito; os espíritos obsessores fazem deles o que querem...

Eu já

andei atrás

de médiun que, ao me ver, saía correndo pelas ruas...

Fazendo pequena pausa, não conseguindo tirar da cabeça o caso daquela família do Capão-da-Onça, indaguei:

-E os padres desencarnados, têm aparecido por lá?...

-Olhe, é de espantar; tenho a impressão de que o Clero desencarnado está todo sobre Uberaba... Não há uma sessão sequer em que não apareça um padre

dando um trabalhão

danado - padre e pastor protestante... Citam a Bíblia, dizem que vão acabar conosco, que estamos praticando heresia... Alguns deles se identificam. Semana passada,

um sacerdote que desencarnou em Uberaba, pároco de uma das igrejas da cidade, afirmou

que, de fato, existe uma falange de padres e de freiras atuando sobre os espíritas; inclusive chegou a dizer que os esforços deles estão se concentrando presentemente

sobre esta região do Triângulo Mineiro...

-No Sanatório também eles têm comparecido com regularidade, fazendo ameaças e mais ameaças... DONA Modesta é uma médiun que recebe com muita facilidade.

Desde os

tempos de Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, após o ano de 1906, as coisas estão em pé de guerra; imagino que a confusão no Mundo Espiritual esteja grande...

Cairbar

Schutel lutou em Matão; Jerônimo Candinho em Palmelo; Sinhô Mariano em Santa Maria... E, com Chico Xavier vindo para cá, em 1959, as coisas então pioraram

muito

- se a região tem sido foco da Luz, igualmente tem sido o alvo preferencial das Trevas...



-E são os médiuns que pagam o preço, Doutor. Semanas atrás (e este é o motivo da minha visita de hoje ao senhor, além, é claro, da alegria de tomarmos juntos um café, obtivemos uma revelação na "Casa do Cinza". Manifestando-se através de uma de nossas médiuns de maior confiança, Frederico Peiró, que, como sabemos, era espanhol, avisou-nos da presença espiritual de muitos inquisidores do passado, espíritos que até hoje não lograram a bênção de reencarnar... Disse-nos Peiró da necessidade de redobramos a vigilância, chegando a afirmar que alguns dos líderes da Inquisição na Espanha estariam por aqui.

-É, os espíritos também migram; de acordo com os seus interesses, vão migrando, quase sempre atraídos por afeições reencarnadas ou por aquilo que lhes contraria os planos de poder... Aquelas regiões espirituais da Espanha e da França devem ter sido evacuadas; tendo conseguido por lá o seu intento, ou seja, prejudicar o avanço da Doutrina, vieram agora para cá - campo fértil para eles, com tantas igrejas e mosteiros. Eu até nem sei como foi que o Espiritismo conseguiu se implantar por aqui; não é de estranhar que os médiuns, no começo, precisavam trabalhar completamente inconscientes...

-"O espírito sopra onde quer", não é mesmo, Doutor Inácio?

-Você já leu, Odilon, aquele livro de DONA José Amigo y Pelicer, o "Roma e o Evangelho"?

-Já li e é um dos meus preferidos. Aquela obra é um libelo contra os que se opõem às manifestações mediúnicas - um grupo de sacerdotes que se reuniram para fazer experiências com a mediunidade acabaram por se convencer das realidades de Além-Túmulo...

-Quase o mesmo, só que, no campo da Ciência, aconteceu com William Crookes, em Londres...

O tempo havia passado com rapidez, e Odilon consultou o relógio.

-Doutor Inácio, a conversa está ótima, mas preciso chegar em casa, ver como estão a Dalva e os meninos...

-Pois é, Odilon - argumentei, querendo prender o amigo por mais alguns instantes -, as obrigações do espírito encarnado são múltiplas. Sinceramente, não sei como você também consegue conciliar as coisas - as aulas na Faculdade de Odontologia, o Instituto de Cegos, a "Casa do Cinza", a família, as reuniões da Maço-naria...

-Aquele ditado é certo: "Carro apertado é que canta"... A gente não pode ter tempo ocioso, concorda? É o que eu vivo dizendo aos médiuns: cabeça desocupada, ninho de obsessão. Os médiuns precisam estudar mais e abraçar o serviço com amor. O exercício da mediunidade com Jesus é o ponto de equilíbrio da nossa perturbação...

-Quero agradecer a sua visita, Odilon. O que você me contou sobre as sessões na "Casa do Cinza" veio de encontro ao meu pensamento. Eu sei que você está de saída, mas estamos lá no Sanatório com o caso dum rapaz que tem me preocupado. O menino está sofrendo muito; chegou todo amarrado, conduzido pelo pai, um sitiante das proximidades do Capão-da-Onça, mas, pelo que senti na semana passada, quando os seus genitores estiveram efetuando uma visita a ele, o problema maior do obsessor é com a mãe, DONA Maria das Dores. Paulinho (é como o tratam os seus familiares estava até bem, mas, quando viu a mãe, ficou totalmente transtornado... Proferiu palavrões, quis estrangulá-la. Tudo muito estranho !

-E DONA Maria Modesto, o que tem dito a respeito?

-Ainda não tivemos tempo para uma conversa específica. A Modesta é uma médium muito reservada, mas sofreu na reunião da última quarta-feira, quando o espírito obsessor se manifestou por ela. O espírito não permitiu diálogo - falava com uma autoridade impressionante. Você sabe, eu não vejo e não ouço nada - em matéria de mediunidade, sou completamente nulo, mas estou com uns pressentimentos que ainda não pude definir. Para mim, não se trata de um obsessor qualquer; tenho a impressão de que a trama que envolve aquela família vem de longe...

-E o rapaz, está tomando remédios?

-Por enquanto, o Manoel Roberto está lhe dando apenas um tranqüilizante, para que ele possa dormir um pouco mais relaxado; o menino tem um apetite extraordinário: parece que come por dois ou três...

-Eles estiveram com a turma do João Urzedo, no Capão-da-Onça?

-Parece que não. São católicos fanáticos, principalmente a mãe, que, inclusive, tem um oratório dentro de casa e, segundo o marido, passa o dia inteiro quase de joelhos... Você quer saber de uma coisa, Odilon? Os melhores médiuns são os obsidiados. Você não há de ver que a mulher implicou com o retrato do Doutor Bezerra de Menezes? Esse povo fareja quem é espírita...

-O senhor não se lembra daquela passagem do obsidiado gadareno? Tal homem, que habitava os túmulos de um cemitério, saiu correndo ao encontro de Jesus, que passava pela região; os espíritos que o possuíam identificaram o Mestre a longa distância... Aquele homem perturbado nunca havia estado com Ele e, absolutamente, não sabia de quem se tratava...

-É impressionante - observei, recordando o trecho evangélico citado por Odilon. - Se, de fato, esses inquisidores estiverem por aqui, estamos fritos - gracieji

-,

literalmente fritos...

-Não faz tanto tempo assim... No século passado, as obras de Allan Kardec foram queimadas em Barcelona e as suas cinzas solenemente recolhidas...

-Dizem que aquele bispo já reencarnou. Será verdade?... Pelo que tenho escutado a boca pequena, ele anda por Uberaba...

- Mais uma razão, Dr. Inácio, para acreditarmos que os espíritos dos inquisidores estão sobre as nossas cabeças... Línguas de fogo diferentes, não é?

Entre sorrisos, despedimo-nos. A visita do Dr. Odilon Fernandes naquela tarde, quase noite de segunda-feira, me fizera enorme bem. Na verdade, além dos meus pacientes,

dos meus livros e dos meus gatos, eu quase não tinha com quem conversar. Voltei para dentro do escritório, uma ampla sala que utilizava também como biblioteca e consultório médico, soltei o corpo na cadeira giratória, reacendi

o cigarro

de palha e fiquei alisando um lindo gato siamês que procurara o aconchego do meu colo. Sobre a mesa, a escultura de uma caveira sorria para mim, com os dentes

todos

amostra...

- Meu Deus! - refleti em silêncio -, a vida é tão simples!... Por que complicamos tanto? Estendi os olhos e vi, pendurada na parede da copa, uma tela de pintor desconhecido, retratando um campo de batalha... Corpos espalhados pelo chão coberto de sangue e Jesus, de semblante triste, caminhando por entre eles. Abaixo, na moldura da anônima obra de arte, uma frase: - "E eu vos disse que vos amasseis uns aos outros"... Por que tantos interesses em jogo? Por que tanta ambição, se o fim de todos nós seria aquele sobre a minha mesa - uma caveira sorridente? E algumas, como a minha, certamente de s dentadas...

44

Imerso nestes pensamentos filosóficos, para os quais não encontraria resposta fora da Reencarnação e da chamada Lei do Carma, fui para a cozinha, abri uma

lata de

sardinhas e alimentei o gato siamês; no entanto, atraídos pelo forte cheiro de peixe, logo vários outros gatos desceram dos muros e dos telhados e se aproximaram

miando, disputando com o gato de minha preferência a saborosa e inesperada iguaria daquela tarde. Estabeleceu-se a confusão na cozinha e tive que colocar todos

para

fora.

- Ah, já sei! - disse em voz alta, como um daqueles pacientes do Sanatório que andavam falando sozinhos pelos corredores -: o drama da Humanidade se resume nisto

- uma lata de sardinhas!...

Tomei banho, troquei de roupa, coloquei um perfume francês para disfarçar o cheiro de cigarro, acionei o carro na garagem e fui para uma visita rápida aos

doentes,

antes de me dirigir à reunião daquela noite na loja maçônica.

45

- A iPUGA PE PAULINHO

Na manhã do outro dia, enquanto cuidava dos preparativos para correr os pacientes nos pavilhões, Manoel Roberto chegou apavorado:

- Dr. Inácio - disse-me, quase sem fôlego -, o menino fugiu! Enquanto a camareira trocava os lençóis, ele saiu do quarto, sem que ninguém percebesse. Parece que evaporou... Já procuramos por todos os lados. Ele deve ter saltado o muro.

Eu já estava habituado com tais fugas de certos pacientes. De repente, parece que ficam invisíveis e somem. Mas Paulinho estava se tornando um paciente especial.

A sorte daquele rapaz me interessava...

- Ora- comentei, soltando as fichas médicas com estrondo sobre a mesa -, vocês estão dando munição de graça aos inimigos da Doutrina! Se a notícia vazar para a imprensa, ficaremos desmoralizados... Quase todo mês

46

está fugindo um! Eu não tenho tempo agora; vocês procurem nas redondezas, nas casas vizinhas, no meio do mato...

- O pior, Doutor, é que ele fugiu só de cueca... A camareira disse que ele estava se preparando para o banho...

- Vocês precisam estar mais vigilantes! - disse com certa energia, pois a minha noite não havia sido de um sono tranqüilo: sonhei com labaredas por

todos

os cantos do Sanatório, homens vestidos como se fossem frades, e um deles me apontava o dedo em riste com um sorriso de ironia no rosto. - Eu não posso cuidar

dos

pacientes sozinho, vocês são pagos, e até bem pagos, para isto. A Igreja está de olho na gente; toda semana é um ataque... Há menos de um mês, uma procissão, saindo

da Catedral, parou em frente à minha casa e rezou o Credo. Foi uma provocação. Vocês me tragam este rapaz aqui... Se ele não aparecer logo, vai ter gente

na rua!

Eu sempre fizera muito barulho... Quando ficava esquentado, o rastro-de-onça que fazia era de meter medo, mas todos sabiam que eu não tinha coragem de desempregar

um pai ou uma mãe de família.

Conhecendo o meu temperamento, Manoel Roberto saiu e colocou uma pequena equipe à busca do menino.

Quase meio-dia, e nada. O céu escuro ameaçava fazer cair uma tempestade naquele mês de janeiro. O pessoal estava até sem almoço, procurando por Paulinho.

47

Eu não sei, mas tenho a impressão de que, em certos casos, os espíritos ocultam da gente as suas vítimas...

O certo é que fomos encontrar o rapaz só por volta das quatro da tarde. Quando eu estava pensando num meio de mandar avisar a família, Manoel Roberto anuncia, aliviado:

- Doutor, encontramos! O senhor não vai acreditar... O tempo todo ele estava nos fundos do Sanatório e ninguém o viu; escondeu-se entre as árvores do pomar... Estou impressionado! Eu nunca vi isto antes... O senhor precisa ir até lá e ver o que ele fez.

Acompanhando o diligente enfermeiro, que, em outras circunstâncias, resolveria sozinho a questão, fui encontrar Paulinho, seminu, como se fosse um índio, com o corpo todo pintado de vermelho... Eu nem sei se conseguirei descrever, com fidelidade, aquele quadro terrível. O paciente havia simplesmente crucificado um filhote de gato!... Fincara duas estacas de bambu no chão, amarrara-lhe as patas dianteiras e traseiras e fazia uma sessão de tortura... No peito, com os dedos, ele desenhara imensa cruz vermelha com um resto de tinta que encontrara dos muros recém-pintados; para obter a tonalidade rosa, o pintor havia misturado o branco com o vermelho.

- Que é isso, meu filho?! - perguntei, sem receber qualquer resposta. - Isso não se faz! Coitado do bichano!... Que é que está acontecendo com você?! Deixando-se conduzir passivamente, levei Paulinho para dentro do banheiro e, com o auxílio de Manoel Roberto, dei-lhe um bom banho. O que me incomodava era o seu silêncio; mas, quando estávamos providenciando algum lanche para ele, escutei-o dizer:

48

- Eu ia arrancar os olhos dele e depois queimá-lo, como mandei fazer com muita gente... Nada de sangue derramado: só a fogueira! Confesso que senti um frio me percorrer a espinha. A verdade é que eu ainda não sabia que Paulinho estava, o tempo todo, incorporado por aquela entidade, que não

se identificava; por assim dizer, o espírito "morava" dentro do corpo dele - quando lhe aprazia, ele se manifestava. Aquele astuto obsessor nos enganava com facilidade.

Atinando com o problema, observei, com o propósito de ser mais ouvido pelo espírito do que pelo rapaz:

- Não adianta lutar contra o poder da Luz... O Mal não prevalecerá sobre o Bem. Reconsidere. Deixe este menino em paz. O tempo passou... Faz já alguns séculos. Não estamos mais na Idade Média...

Sorrindo com ironia, mas sem se dignar cruzar o olhar com o meu, a entidade espiritual retrucou:

- Isso é o que vocês pensam... O Bem é sinônimo de sofrimento; os bons são trucidados pelos poderosos... O que impera é a lei do mais forte. Não

tente me doutrinar; caso contrário, você há de se arrepender amargamente... Coloco fogo nisto tudo! Da brasa do seu próprio cigarro acendo um fogaréu... Vai ser

uma beleza ver os loucos que vocês mantêm aqui ardendo como tochas vivas... Nada de sangue derramado - a Santa Madre Igreja não quer. Na cruz, só o sangue de Cristo...

- Diga-me, meu irmão - arrisquei a questão -, quem é você? O que veio fazer, tão longe assim? A Inquisição não chegou ao Brasil - graças a Deus! Como é que você foi parar no Capão-da-Onça?...

49

Nesse instante, o menino arregalou os olhos e, com forte sotaque espanhol, proferiu algumas palavras de excomunhão. O copo de leite que estava sobre a mesa estilhaçou e o forro de pano começou a incendiar-se inexplicavelmente! Não havia alternativa. Chamei Manoel Roberto e, a contragosto, pedi-lhe que aplicasse um injetável no rapaz, com a mediunidade de efeitos físicos à flor da pele e totalmente fora de controle. Paulinho nem sequer chegou a provar o lanche de pão recheado com mozzarella.

Fiquei frustrado. Naquela segunda sessão mediúnica, o espírito obsessor de Paulinho não aparecera. Eu me havia preparado para enfrentá-lo - mantivera-me vigilante o dia todo, esforçando-me para não perder a calma com ninguém. Evocara a inspiração dos nossos Mentores Espirituais... Naquela quarta-feira, Paulinho dormira o tempo todo. Teria o espírito ficado meio atordoado, sob o efeito da injeção de tranqüilizante no corpo do menino? Esta é uma questão que até agora não posso responder. Digo--lhes que não duvido de nada: se não duvidava antes, quando imerso nas ilusões da matéria grosseira, muito menos agora na condição de espírito livre. Assim que demos início à nossa reunião mediúnica de desobsessão dona Modesta (por comodidade, permitir--me-ei, continuar doravante a mencionar assim o seu

50 51

nome, trocando a desinência o por a, conforme nós a chamávamos, na vivência terrena), entrou em desdobramento e começou a descrever: - Tenho a impressão de que estou recuando no tempo... Não sei onde estou. Tudo está muito escuro. Sombras se movimentam em procissão... Estarei vendo um quadro de vida espiritual ou será uma imagem de algo que aconteceu na Terra há muito tempo atrás? Não sei. Alguns cantam, outros choram... Escuto estalar de açoitados.

França ou Espanha?... Uma porta se abre. Vou entrar e ver o que está acontecendo. São frades dominicanos, mas não lhes posso ver o rosto - estão usando capuz. Parece um tribunal armado dentro da igreja - o Tribunal do Santo Ofício. Dez pessoas estão ajoelhadas... Sete homens e três mulheres. Posso registrar a acusação que pesa sobre eles: conspiraram contra a fé católica e estão sendo acusados de bruxaria. Uma mulher está desesperada e grita: - "Não, não, por favor!... Tenho dois filhos pequenos... E mentira! Não sou uma bruxa... Socorro os doentes que me procuram em minha casa... A fogueira não!..." Doze homens perfilados, todos de mantos negros, levantam a mão direita... Foram sentenciados à morte e a condenação vai se cumprir de imediato. Saímos. Que horror!... É a noite mais escura que já vi. Não

sei se vou conseguir  
acompanhar o ritual macabro. Alguém grita: - "Nada de sangue  
derramado!..." São atados a postes com achas de lenha embebi-  
das em resina. O silêncio se fez  
maior.

Uma carroça se aproxima. Quem será aquele homem alto e esguio? À

52

sua passagem, todos se curvam... Deve ser o Inquisidor--Mor. Imensa cruz  
de prata lhe pende do pescoço... Não lhe posso ver o semblante; apenas os  
grandes olhos

negros, que brilham na escuridão. Ergue a voz e diz: - "Que sirva de  
exemplo... Hoje, serão estes dez; na próxima semana, mais vinte!...  
Denunciem! Se alguém

souber

da existência de algum herege em Saragoça e permanecer em silêncio também  
será culpado! A Igreja é magnânima. Os delatores serão recompensados!..."  
dona Modesta estava com os punhos crivados sobre a mesa. A descrição da  
cena, que lhes apresento de maneira sucinta, parecia ter-se transportado  
para dentro

do salão.

Eu quase podia enxergar na parede do recinto em que efetuávamos a nossa  
reunião mediúnica aquelas imagens tétricas. Tomando fôlego, a médium  
continuou:

- A carroça, escoltada por soldados, agora se retira. Ninguém fala em  
perdão. O julgamento daquelas pessoas está concluído. Vestem-lhes os  
ignominiosos

sambenitos,

camisolas que são, gravadas com nomes injuriosos e figuras diabólicas, e  
vão sendo empurrados tais infelizes penitentes, em meio ao populacho, que  
lhes abre

alas.

Por que será que, além daquela mãe desesperada, ninguém disse mais nada?  
Aproximo-me. Que horror, meu Deus! Todos tiveram os olhos furados e a  
boca queimada...

Um

diante de cada poste, dez homens se preparam com archotes nas mãos e, ao  
mesmo tempo, acendem as fogueiras. Cheiro de carne queimada... O cordão  
de isolamento

se

desfez e - pasmem - muitos populares se aproximam; apanham gravetos no  
chão e

os atiram sobre as fogueiras, no que são incentivados por dezenas e  
dezenas de homens com hábitos religiosos, que os cumprimentam e procuram  
memorizar-lhes bem

os

traços fisionômicos... Alguns poucos permanecem à margem. Escuto três  
amigos conversando a certa distância. - "Quando será que este pesadelo  
terá fim?

Ontem, em

Valladolid, segundo fui informado devem ter queimado mais de trinta...  
Dizem que agora se voltarão contra os médicos - todo homem de ciência é  
inimigo do

Papa, conforme

estão dizendo..."

Para onde foi o homem da carroça? Não posso mais; estou exausta... Eu me  
vi como se fosse uma daquelas mulheres; tive a certeza de que muitos  
médiums, ditos  
endemoninhados,

foram queimados pela Inquisição... Meu Deus, não é de se admirar tanto sofrimento que a Humanidade atravessa! Que terrível carma contraído!... dona Modesta fica em silêncio. Está desgastada e, naquela noite, nenhum Benfeitor Espiritual se manifesta. Manoel Roberto traz um pouco d'água e, passados mais alguns instantes, a reunião chega a termo.

Durante alguns minutos, permanecemos quietos, sem ânimo sequer para nos erguermos das cadeiras. Quando tudo se asserena, a abnegada médium comenta:

- Inácio, o que eu pude descrever não é nem a terça parte do que vi e percebi... Era muita gente acusando: o medo de morrer na fogueira induzia muitos a falsas denúncias.

Foi pior do que o que houve com os cristãos!... Como pôde aquilo acontecer, em nome da

54

Religião?! Agora entendo que o Espiritismo apareceu no momento certo: antes, Allan Kardec também teria ido para a fogueira!...

Sorrindo meio sem graça, observei:

- Saiba, Modesta: se puderem, eles nos queimam hoje... Se houver um retrocesso político no País, estaremos fritos, repito, literalmente. A liberdade religiosa

ainda

não está consolidada não. A coisa melhorou, mas os novos ventos que sopram são brisas tímidas. Tem companheiros espíritas que reprovam a Maçonaria,

mas a Maçonaria

é nossa aliada. Que força temos?! Somos minoria e vamos continuar assim por muito tempo. A ânsia do poder temporal é uma coisa tremenda: ninguém, com exceção

dos

espíritas de boa vontade, está querendo o Reino do Céu; o negócio deles é aqui embaixo mesmo... Eu não sei como é que eles não fecham o Sanatório? Devem ter receio

dos nossos "feitiços"... Gente católica não passa na nossa calçada, Modesta!...

55

Paralelamente às minhas atividades como Diretor Clínico do Sanatório Espírita de Uberaba, as quais me consumiam quase todo o tempo, atendia alguns pacientes

em meu

consultório particular, instalado na própria casa.

Consultando uma folha, à guisa de agenda, verifiquei que, em torno das dez da manhã, receberia a visita de um certo Sr. Felizardo, de Ribeirão Preto - Estado

de

São Paulo, para uma consulta.

Com dez minutos de antecedência, a campainha de casa soou, os gatos saltaram da mesa, como se já tivessem se habituado com aquela rotina. Eu mesmo o recebi à

porta,

cumprimentei-o e, procurando deixá-lo à vontade, comecei a conversar, sem me referir, de início, ao assunto que o trouxera ao meu consultório.

Ele não era espírita, mas conhecia o trabalho de

56



alguns dos baluartes do Espiritismo em Ribeirão, como, por exemplo, o José Pappa, confrade que, igualmente, em nome da Doutrina, vinha resistindo bravamente

aos

constantes ataques do Clero.

Notei, no entanto, que o meu paciente daquela manhã estava aflito, chegando a transpirar excessivamente na fronte e nas mãos, que secava com alguns lenços

de papel

que lhe entregara.

- Afinal, meu amigo - perguntei antecipando-me à sua angústia crescente -, que é que o traz a Uberaba?

- Eu nem sei, Doutor, por onde começar - respondeu com a voz quase sufocada na garganta. - Eu aqui não viria, se não estivesse pensando com freqüência

em

dar um fim à minha vida...

E começou a contar-me o seu drama, esperando que, na condição de psiquiatra, eu tivesse algum remédio para prescrever.

- Vim procurar o senhor, porque, além de médico renomado, sei da sua condição de espírita... Eu não sou católico, nem acredito nos padres. Sou muito conhecido em Ribeirão e não gostaria que ninguém mais, naquela cidade, tivesse conhecimento dos meus conflitos. Sou casado, e muito bem casado; tenho três filhos adolescentes e desfruto de invejável situação financeira; crio gado e tenho uma usina de açúcar. A minha família é tradicional na cidade; o meu avô

era italiano,

vindo da Itália com os imigrantes, mas o pai, que já faleceu há mais de quinze anos, nasceu em Ribeirão.

O Sr. Felizardo estava escolhendo o momento certo para dizer-me o que o fazia pensar em suicídio; estava - digamos - me sondando, com o seu olhar percu-ciente,

para

ver até onde seria merecedor de sua confiança.

Abri a gaveta da escrivaninha, acendi um cigarro - o que, hoje, para um médico, à frente de seu paciente, seria um comportamento absurdo, entretanto, reconheço,

a irreverência sempre fez parte do meu modo de ser; sempre detestei as chamadas convenções sociais, por isto, quanto mais me provocavam, mais animado eu me

sentia

a lutar em prol das minorias.

Depois de quase vinte minutos de monólogo (era a parte da Medicina em que não me interessava ouvir os pacientes como se eu fosse um padre vestido de branco),

o fazendeiro

se revelou; devo dizer-lhes, no entanto, que, pela minha experiência, lidando com gente de todos os tipos durante anos a fio - homens e mulheres, mais ou menos

eu

já atinava com a questão que o atormentava...

- Doutor, o senhor me perdoe - disse, cobrindo o rosto com as mãos e começando a chorar -, mas, de uns tempos para cá, tenho descoberto em minha personalidade

uma

certa inclinação homossexual... Como pode ser isto, Doutor?! Eu nunca senti nada neste sentido; antes de me casar, freqüentava casas de mulheres... Isto é um absurdo

- um homem casado como eu, pai de família!... De repente, comecei a sentir uma estranha atração por um rapaz que trabalha comigo na fazenda. Ele é um pouco mais velho que o meu filho Rodrigo, 58

que está com dezessete anos... Eu não estou conseguindo mais me relacionar direito com a minha mulher; eu a tenho evitado... O senhor tem um diagnóstico para

o meu

caso? Se preciso, eu me internarei. Volto a Ribeirão, invento uma viagem longa e venho...

Para poupar os que nos estejam lendo estas páginas, procurarei resumir a conversa que tivemos a partir daí.

- O senhor já chegou, digamos, às vias de fato com esse rapaz? - questionei, com o intuito de obter melhor avaliação.

- Praticamente, sim...

- Pensou em mandá-lo embora da fazenda, afastando-o de sua presença?

- Sim, mas ele é arrimo de família; o pai dele serviu meu pai; agora, é ele que sustenta a mãe doente e, depois, eu não tenho coragem... Se tomasse tal providência, eu sinto que acabaria indo atrás dele.

- Conversaram abertamente a respeito do assunto?

- Conversamos, mas ele sente o mesmo por mim; disse-me que está nas minhas mãos, que não se interessa por casamento...

- Ele o provoca?

- Não, nunca; sou eu, Doutor, que saio procurando por ele na fazenda... É uma afeição estranha; quase não consigo mais ficar na cidade...

Experimentando um certo alívio com aquele desabafo (acredito que eu era o primeiro a tomar conhecimento de suas intimidades), Felizardo me indagou:

- O senhor acha... Como é que vocês, os espíritas, dizem mesmo - obsessão... O senhor acha que eu posso estar sendo vítima de uma obsessão?

- Poder, pode... Os espíritos das trevas estão sempre se prevalecendo de nossas fraquezas. Acredito, sim, numa interferência espiritual neste caso, mas a

raiz do problema está no senhor; somos tentados naquilo para o que revelamos inclinação...

- E obsessão tem cura, Doutor?

- Tem, perfeitamente. Mas, antes de tratarmos do obsessor, precisamos de cogitar do tratamento do obsidiado...

- E em que consiste tal tratamento? Alguma fórmula medicamentosa? Se for o caso, mando vir o remédio do Exterior; tenho um primo que voa todos os meses para os Estados Unidos...

- Não, meu amigo - argumentei com o meu paciente, começando já a experimentar a impotência que experimentam os médicos diante de certos casos -, não

existe uma fórmula específica; poderei prescrever ao senhor algum remédio que lhe possibilite alívio, mas a cura demanda um tempo mais longo...

Desejando ir ao âmago da questão, fiz-lhe a pergunta que interessava, como, de resto, a única pergunta que interessa fazer a quantos se sentem vítimas de

qualquer

problema semelhante ao que me estava sendo exposto:

- Felizardo, você quer mesmo se curar? Você, de fato, deseja tirar esse rapaz de sua vida?...

A demora de pouco mais de um minuto para responder às questões que lhe propusera me foi suficiente para desacreditar num desfecho satisfatório do caso.

60

Tartamudeando, com dificuldade, o rico usineiro, redargüiu:

- Sim... Eu preciso. Tenho minha mulher - não nos damos muito bem, mas ela é minha esposa; tenho os meus filhos...

- Não, Felizardo, sejamos honestos no confronto que pretendemos estabelecer conosco; sem sinceridade na avaliação que fazemos de nós, tudo é perda de tempo...

Chorando mais compulsivamente - e eu deixei que chorasse à vontade, enquanto acendia mais um cigarro -, aquele homem admitiu por fim:

- O senhor tem razão... Vivo fugindo de mim mesmo. Desde criança que sou assim... Quando contava quatorze de idade, tive um problema com um peão na fazenda

do meu pai. Casei-me, pensando que o casamento pudesse pôr termo ao meu pesadelo. Diga-me, Doutor, o que é que posso fazer! Estourar os miolos?...

- Nem pense nisto, meu filho. O seu espírito vagaria por muitos anos nas trevas... E o trauma que você imporia - o terrível trauma psicológico que

você imporia

aos seus filhos?... Ninguém morre. A morte é uma ilusão que entrava o progresso do espírito.

- Mas, Doutor - disse-me ele, desafiando minha capacidade -, o senhor não tem então solução para o meu caso? Dinheiro não é problema; diga-me

quanto custa.

Posso pagar ao senhor em dólares...

- Não é questão de dinheiro, Felizardo. Assim o dinheiro pudesse comprar a paz!... A Medicina não é capaz do que você imagina.

Apontando para as minhas estantes, coalhadas de livros sobre Psiquiatria - a maioria deles em francês -, observei:

- Estamos longe de todas as respostas... Por enquanto, o que mais temos são pontos de interrogação.

Infelizmente, do ponto de vista médico, no máximo eu

poderia falar com você em desvio de personalidade, mas,

reconheço, isto é muito vago. Quem rouba, quem mente, enfim, quem foge dos padrões da normalidade pode rá ser enquadrado como alguém com desvio de personalidade.

O sexo, Felizardo, é apenas um dos muitos

dramas humanos e, ao meu ver, não é o pior.

Deixando caneta e bloco de receituário de lado, aconselhei:

- Eu acho que você deveria tomar alguns passes, procurar orar com mais frequência, tendo o propósito de fortalecer a vontade... Por que você não frequenta um centro espírita em Ribeirão? Você é um homem rico: o Espiritismo luta com muita dificuldade para manter as obras sociais que desenvolve... Procure se sentir espiritualmente mais útil aos semelhantes. Vou ser sincero com você: o seu caso não tem solução da noite para o dia; não vou interná-lo sem necessidade...

- Mas, e se eu não conseguir me afastar do Joaquim? - indagou-me como alguém que tivesse o visível propósito de não se afastar...  
62

- Então - disse-lhe, contrariando talvez a opinião de muitos confrades puritanos (aliás, esqueci-me, linhas atrás, de falar também quanto sempre detestei a hipocrisia dos fariseus, dos modernos fariseus travestidos de espíritas), seria interessante que você se separasse de sua esposa... Ela está jovem e quem sabe consiga refazer a vida. A separação conjugal não anularia, diante dos filhos, a sua responsabilidade de pai amoroso. Você adiará a solução do problema para uma outra vida. Tudo, menos o suicídio!...

- Confesso-lhe, Dr. Inácio - acrescentou Felizardo -, que a Rosa Maria, minha esposa, nunca me aceitou muito bem na cama - boa dona de casa, boa mãe, boa companheira, mas... O adiantado da hora me fez apressar o término da consulta. O relógio de bolso, que consultei sem cerimônia, assinalava quinze minutos depois das onze. Eu precisava almoçar e ir para o Sanatório. Outros dramas que se juntavam aos meus me esperavam - a mim, que em existências anteriores, segundo revelação mediúnica da qual não duvidava, havia sido, nos salões parisienses, um bon-vivant. À saída, abrindo pequena bolsa, o homem contou alguns dólares e colocou-os sobre a mesa; juntando-os com a mão esquerda, devolvi-os a ele com a mão direita.

- Eu não resolvi o seu problema, Felizardo - expliquei, com a preocupação de que ele não se ofendesse. - Não é justo que eu receba pela consulta...

Faça  
64

uma doação a uma entidade espírita de Ribeirão e estaremos quites. Surpreso, percebi que aquele meu derradeiro argumento fora, sem dúvida, o mais convincente.

- Resolveu, sim, Dr. Inácio; em parte, o senhor resolveu...

E, tirando da mesma bolsa preta de couro um revólver de cabo de madrepérola, depositou-o sobre a escrivaninha, depois de, ante os meus olhos, esvaziar o tambor.

- Aceite, pelo menos, este presente meu - pediu com sinceridade. - Sei que o senhor não precisa de uma arma, mas, doravante, nem eu. O que eu pretendia

fazer, ao sair daqui, é caso encerrado. Devo-lhe a minha vida!...

Ele não me devia nada. Não soube mais do Felizardo. Mais tarde, um amigo de Ribeirão Preto me informou que um rico usineiro das cercanias se havia mudado para

o  
Paraguai.

65

112 - LURDINHA

Enquanto almoçava, desabou forte temporal, praticamente inundando, como sempre, as ruas e avenidas centrais da cidade, o que não me impediu de acionar o carro

na  
garagem, tomando a direção do Sanatório.

Na primeira ponte a cruzar, diminuí a velocidade e, abrindo parcialmente a janela do carro, o que foi o suficiente para molhar o meu jaleco branco de mangas compridas,

joguei nas águas do córrego, que já começava a transbordar, o revólver de cabo de madrepérola que aquele homem me confiara.

Balbuciei algumas palavras censuráveis que se misturaram ao rebombar dos trovões e segui adiante. Aquela tarde seria de muito trabalho para mim; deveria conferir

todos os medicamentos que os pacientes estavam usando e realizar uma inspeção na limpeza do hospital, principalmente nos banheiros que os internos transformavam numa imundície.

66

Coloquei o estetoscópio no pescoço, apanhei a minha prancheta de parcas anotações e caminhei ao longo do corredor do pavilhão das mulheres. Quase todas,

ao me verem,  
vinham ao meu encontro, perguntando:

- Dr. Inácio, quando é que o senhor vai me dar alta? Eu já estou completamente curada!...

Muitas estavam ali havia meses e, sinceramente, de minha parte não havia qualquer precisão de alta para elas. Eu me penalizava com aquela situação. Algumas

havia  
sido abandonadas pelos companheiros; outras, desde o berço, lutavam com as manifestações da esquizofrenia... Em todas, observava claramente o componente obsessivo atuando, mas que fazer?

Aproximando-me de um leito, Lurdinha, que já estava conosco por quase um ano (fora completamente esquecida pelos familiares, que sequer mais a visitavam), mostrou-me

pequena boneca de pano e, sorridente, falou:

- Veja, Doutor, é minha filha... Nasceu esta noite. Não é linda?... Vou dar a ela o nome de Alice. Que tal? O senhor gosta?

- Lindo nome, Lurdinha! Lindo nome para uma linda filha como a sua...

Chamei a enfermeira que me acompanhava e pedi que, na primeira oportunidade, Lurdinha tivesse os cabelos aparados e, se possível, as unhas esmaltadas. A visão

daquelas  
mulheres esqueléticas era sempre o que mais me aborrecia. A maioria não tinha iniciativa para ir ao pátio e tomar o sol da manhã. De há muito, eu

67

estava necessitando de colaboradores médicos eficientes no Sanatório, no entanto estava difícil encontrar profissionais abnegados que não pensassem apenas

em me

levar à justiça, posteriormente, reclamando o que não tinham direito.

O caso de Lurdinha havia sido esclarecido em uma de nossas reuniões mediúnicas. Por intermédio de dona Modesta, os Benfeitores Espirituais nos explicaram que,

em

vida anterior, a paciente havia praticado muitos abortos - começara trabalhando como parteira e, depois, enveredara por outro caminho. Era comum que Lurdinha tivesse

que ser sedada, pois, nas crises que se repetiam com frequência, escutava choro de crianças, gritando, desesperada:

- Tirem, tirem esse menino de dentro da parede!... Ele está chorando e me estendendo os braços.

Algumas vezes, tínhamos necessidade de lhe imobilizar as mãos: as unhas quebravam-se, no seu afã de escavar a parede com as próprias mãos.

Na minha concepção de médico e de espírita, o aborto - a sua prática por alguém - era o pior dos crimes que o homem cometia contra a Vida;

considerava--o,

como ainda

o considero, pior até que a prática do suicídio, porque, na maioria das vezes, o suicida está completamente fora de si e não atenta contra a

existência

de ninguém,

a não ser a sua própria.

Lurdinha, com quase quarenta de idade, não demoraria muito a desencarnar.

Daí a quase seis meses, detectei-lhe um tumor na mama e encaminhei-a ao Hospital do

Câncer;

infelizmente, devido à sua debilidade física, o tumor já se havia espalhado por todo o organismo. Pasmem, os familiares não apareceram nem

mesmo para os

funerais,

que correram às expensas do Sanatório. E, de quando em quando, chegavam

aos meus ouvidos rumores de que eu estaria ficando milionário... Graças a Deus, a

única propriedade

que deixei sobre a Terra foi a casa em que residia, na Avenida Dr.

Fidélis Reis.

Em uma de nossas sessões mediúnicas, perguntei aos Espíritos Amigos pelo paradeiro da Lurdinha no Plano Espiritual:

- Continua em tratamento - informaram. - Algumas de suas visões não eram provocadas pelo remorso: eram reais, ou seja, os espíritos que não lhe

perdoaram

permaneciam

imantados ao seu psiquismo... Estão todos internados ainda. O trabalho é longo. Provavelmente, em futuro não tão próximo, nossa irmã renascerá com

o compromisso

de ser mãe de muitos filhos.

De quando em quando, pobre senhora, carregando um filho nos braços e

puxando dois outros pela mão, aparecia no Sanatório pedindo uma sobra de comida. Havia

sido

estuprada ainda menina e, após o parto do primeiro filho, ficara com certas seqüelas mentais: os seus raciocínios não eram precisos. Tinha

entranhado amor

pelas

crianças - três lindas crianças e promessa de mais algumas, mas vivia ao relento, aceitando a companhia de qualquer andarilho.

Talvez, pensei, o futuro de Lurdinha seria aquele.

69

De fato, como é longo, meu Deus, o caminho da redenção! A invigilância de um minuto pode dar origem a séculos de lutas.

Tendo, praticamente, consumido todo o tempo disponível daquela tarde, visitando o pavilhão das mulheres, adiei para a manhã do outro dia a visita ao pavilhão

masculino.

O trabalho burocrático no Sanatório estava, aos poucos, fazendo diminuir o meu contato com os pacientes - o que não deixava de ser lamentável. O meu contato

peçoal

com os doentes, ao longo dos meus mais de cinquenta anos de exercício da Medicina, valeram--me, em termos de experiência, por muitas encarnações.

Lastimo

hoje não

ter-me dedicado com maior cota de tempo e de paciência àquele - permitam-me dizer - incrível e farto material de aprendizagem espiritual que, sem dúvida,

me teria

auxiliado com mais ampla compreensão de mim mesmo e da Vida.

No outro dia, como de hábito, cheguei bem cedo ao Sanatório. Os pacientes estavam tomando café e, como se adivinhasse o que estava para acontecer, chamei Manoel

Roberto e pedi que tomassem maior cuidado com o bule de café, que fumegava à vontade sobre a mesa, ao alcance das mãos dos pacientes. Só que não foi com

o café:

foi com o leite...

Paulinho tinha verdadeira obsessão por tudo que se relacionasse a fogo. Antes que qualquer um de nós pudesse intervir, agarrou a grande leiteira, de onde o leite

fervido estava sendo retirado com uma concha, e, com agilidade incrível a despejou sobre a mesa; o leite escorreu e queimou os braços e pernas de três outros

internos...

A confusão se estabeleceu e tivemos que ser rápidos, providenciando curativos e suspendendo o café da manhã coletivo por quinze dias aos pacientes. Individualmente,

tomariam café no quarto. Como os mais revoltados quisessem agredir o rapaz, novamente tivemos que remover Paulinho para o isolamento. Eu não entendia como ele

não

queimara as mãos... O caldeirão de leite havia acabado de sair do fogão a lenha e tinha sido fervido várias vezes. Só mesmo a mediunidade de efeitos físicos

para

explicar...

Aos poucos, eu estava aprendendo a distinguir quando estava conversando com Paulinho ou com a entidade espiritual que parecia domiciliada em seu psi-quismo.

Foi com o propósito de repreender a sua conduta no café da manhã que, acompanhado por Manoel Roberto, daí quase duas horas fui vê-lo na cela em que, a

contragosto,  
era sempre obrigado a trancafiar os re-calcitrantes.  
Vocês me perdoem, mas eu preciso narrar o que vimos: quando eu e o Manoel Roberto adentramos o quarto adrede preparado, Paulinho estava se masturbando e,  
ao  
nos perceber, não interrompeu o ato. Sinceramente, eu fiquei sem saber o que fazer. Apenas tive presença de espírito para estender o braço e barrar Manoel Roberto,  
que, apesar de habituado com aquela prática libidinosa entre pacientes, tanto masculinos quanto femininos, ficara chocado, considerando o fato um desrespeito à  
minha  
presença no local.  
Esperamos que o rapaz terminasse - não havia outra coisa a ser feita. Abaixei a cabeça e fiquei imaginando o que Freud haveria de dizer daquilo tudo. Aliás,  
72

Freud, se disse muito, muito mais ficou a dizer. Quase todos os internos do Sanatório tinham problemas relacionados a sexo. A noite, a vigilância carecia de  
ser  
redobrada.

Quando Paulinho terminou de se masturbar, tive a impressão de que ele saíra do transe... Que espírito terrível seria aquele que vampirizava o garoto? Eu  
estava abandonando  
o tratamento por eletrochoque; em certos casos, admitia a sua eficácia, mas, a rigor, considerava--o muito mais nocivo que terapêutico. Tomando consciência da nossa presença, Paulinho levantou o calção e ficou sem nada entender. Enquanto Manoel Roberto chamava um serviçal para limpar o  
pisso, sentei-me  
na cama, ao lado do rapaz, e procurei me comportar com naturalidade. Depois, para descontraír, perguntei:

- Pensando muito nas meninas do Capão-da--Onça, Paulinho?...

- Não, Doutor, não é isto - respondeu com timidez. - Eu não consigo me controlar. Não quero me masturbar, mas, todo dia, é como se alguém me obrigasse...

- Paulinho - insisti no diálogo que precisava manter com ele -, você está consciente do que provocou hoje de manhã. Dois dos três que se queimaram  
foram levados  
para o Hospital das Clínicas - queimaduras de segundo grau...

- Eu comecei a olhar aquele caldeirão de leite e uma voz me dizia com insistência: - "Derrame, queime!..." Não vi nada, Doutor, eu juro. Sei que me  
senti

bem em fazer o que aquela voz me ordenava... Parece que é um homem que entra dentro de meu corpo. Por vezes, eu tenho vontade de matar a minha mãe - não sei,  
tenho  
a impressão de que ela me traiu...

- Mas mãe é algo sagrado, meu filho... Devemos respeito e consideração às nossas mães. A minha está velhinha e eu a adoro...



- Eu sei, Doutor, mas não está em mim - disse o rapaz, levando ambas as mãos aos ouvidos, como se estivesse na tentativa de não ouvir outra pessoa que, ao mesmo tempo, conversasse com ele. - Estou tentando me controlar, mas as minhas forças estão no fim...

- Você sabe o que é mediunidade, Paulinho? Você é médium; não é você agindo, mas um espírito obsessor que está dominando você...

- Eu já o vi, Doutor - revelou, para minha surpresa. - Ele tem um semblante que me inspira medo... Eu o vejo em sonhos. Às vezes, eu o vejo até com os meus olhos abertos...

- E o que ele fala com você?

- Fala que eu pertencço a ele e que pretende matar a minha mãe; diz que o meu pai apenas foi cúmplice... Cúmplice de quê, eu não sei.

- Como é que ele se chama?... - interroguei curioso.

- Tomás... Ele me disse que se chama Tomás.

Um frio, de alto a baixo, me percorreu a espinha. Será que aquele espírito era quem eu estava pensando?

74

Não, não era possível. Deveria ser um Tomás qualquer... Os espíritos obsessores se prevaleciam da identidade de outros para melhor impressionarem suas vítimas.

- Ele diz que gosta de mim, mas eu não acredito; diz que vai me defender, me libertar - comentou Paulinho com ingenuidade, parecendo-me agora mais integrado em si mesmo.

- Você precisa nos ajudar, meu filho - argumentei, prestes a sair e continuar a visita ao pavilhão masculino. - Hoje, você vai dormir aqui. Os doentes estão alterados; será risco de vida levá-lo para dentro... Os seus pais deverão aparecer neste final de semana. Espero que você se comporte. Fale com esse espírito, quando você tiver nova oportunidade de estar com ele, que tanto ódio assim não leva a nada. "Quem com ferro fere, com ferro será ferido"... Eu tinha certeza de que aquele Tomás - se de fato era este o seu nome - estava ali a me ouvir...

Os nossos dias no Sanatório assim se sucediam: muito trabalho com os pacientes que alternavam os seus estados psicológicos, desafiando os conceitos que a Medicina

houvera me ensinado; confesso-lhes que, desde muito, na lida com os internos, eu era muito mais um espírito médico do que um médico espírito...

Ultimávamos preparativos para as visitas do próximo final de semana, quando, adentrando o meu consultório, onde verificava as fichas de alguns pacientes, o porteiro me disse:

- Dr. Inácio, o Chico está aí fora procurando pelo senhor...

- Chico? Que Chico?... - indaguei, sem levantar os olhos das anotações que procurava colocar em ordem, coisa que, aliás, nunca consegui.

- O Chico Xavier!...

Quando ouvi o nome de Chico Xavier ser anunciado, confesso-lhes que não acreditei. Se fosse verdade, seria a segunda ou terceira vez que o querido médium me pregava

uma surpresa daquelas; a primeira foi um encontro inesquecível em que o recebi em minha própria casa, logo que transferiu residência para Uberaba...

- Ora, faça-o entrar; traga-o aqui... - respondi, deixando a papelada que, de hábito, me punha irritado, pois o excesso de burocracia estava começando a agir sobre o Sanatório.

Levantei-me, ajeitei o nó da gravata (não sei por que, usava gravata) e caminhei na direção da porta, esperando, com alegria, o visitante ilustre.

Com seus modos tão simples, Chico me cumprimentou e começamos a conversar.

- Dr. Inácio - disse-me -, o senhor me perdoe vir incomodá-lo, mas desde alguns dias tenho pensado muito no senhor, nas suas lutas aqui no Sanatório.

É uma pena que o trabalho na mediunidade nem sempre me permita aparecer para uma visita...

- Ora, Chico - redargüi, oferecendo-lhe uma xícara de café -, você não precisa se explicar; eu sei muito bem o que é isto... Eu também tenho pensado em lhe fazer uma visita, mas, você sabe, chega a noite, os compromissos de outra natureza acabam por embarçar a gente... Eu também tenho procurado aproveitar o tempo para escrever...

- Tenho lido os artigos do senhor a cerca do movimento espírita. Estão excelentes as suas colocações em defesa da Doutrina...

- Não exagere, Chico, não exagere...

- Não estou dizendo isto para agradar o senhor. Apesar dos assuntos polêmicos com a Igreja, percebo que os nossos irmãos católicos têm mudado o seu modo de ver a Doutrina... É um trabalho a longo prazo.

- Você, Chico, é que verdadeiramente tem cooperado para que o Espiritismo seja mais respeitado; a sua mudança para Uberaba foi um excelente reforço para nós...

- Sempre tive muitos bons amigos aqui: o Waldo, o Joaquim Cassiano, o José Thomaz, o Elias Barbosa... Em Pedro Leopoldo, estava ficando difícil para a minha família.

Fazendo pequena pausa, com o propósito de mudar de assunto, ele me perguntou:

- E o Sanatório, Doutor? Como têm passado os nossos irmãos e irmãs?...

- Naquela base, Chico - respondi um tanto desalentado. - O problema obsessivo é sério; as curas definitivas são raras...

- Não podemos desanimar - falou-me, como se o objetivo de sua visita naquela tarde fosse justamente aquele. - O Dr. Bezerra de Menezes apareceu-me dias atrás

e me pediu que, quando possível, viesse vê-lo, afirmando que a pressão das Trevas sobre o Sanatório tem sido grande ultimamente...

- Ele tem razão, Chico; de fato, temos enfrentado muitos problemas...

E, lembrando-me de Paulinho, continuei:

- Nas sessões de desobsessão, dona Modesta tem sofrido muito... Espíritos de antigos inquisidores parecem ter-se transferido para cá. É pressão de todos os lados...

- Precisamos redobrar a vigilância e, em qualquer tempo, saber que estamos lidando com espíritos doentes...

- Temos tido até fenômenos de efeitos físicos. Vez por outra, os funcionários têm que correr com baldes d'água... Eles dizem que os pacientes estão queimando

as coisas com cigarro, mas eu não acredito; para mim, são os espíritos que têm provocado esses pequenos focos de incêndio...

- Dr. Inácio, o nosso Dr. Bezerra me explicou que, em sua maioria, os espíritos reencarnados na região do Triângulo Mineiro procedem da Europa, principalmente da França e da Espanha... Muitos companheiros e muitos opositores de Allan Kardec se transferiram para cá. A luta pela Verdade prossegue no Mundo Espiritual, pois

a desencarnação não muda ninguém assim...

- E verdade, Chico - arrisquei a pergunta -, que o Bispo de Barcelona, aquele que ordenou a queima das obras de Allan Kardec, está reencarnado em Uberaba?

- Tenho a impressão que sim, Doutor, mas não nos convém especulações em torno do assunto. Pelo que Emmanuel me disse, apesar de continuar vinculado à Igreja, ele agora é nosso companheiro...

- É, eu sei de quem estamos falando; sou muito amigo da família dele... É gente muito boa. Que coisa interessante: reencarnou numa família espírita, foi ser padre de novo e é médium!...

Sorrimos, juntos, das peças que a reencarnação nos prega, mas, sabendo que o tempo de Chico era precioso demais, quis comentar com ele o assunto que não me saía

da cabeça - embora, conscientemente, fugisse de abordá-lo com os companheiros.

- Chico, dias atrás, recebemos aqui um rapaz de Rufmópolis, antigo Capão-da-Onça... O nome dele é Paulinho. Você não gostaria de vê-lo? Tenho

muita pena dele;

parece-me até um caso de possessão... Não sei o que fazer - tenho quebrado a cabeça.

- Se for uma visita rápida, Doutor... Estou com um táxi me esperando aí fora.

- Não, Chico, mais cinco minutos e, depois, eu não vou deixar você pagar o táxi... Eu é que deveria ir vê-lo; as suas ocupações são mais importantes que as minhas... Dizem que eu sou médico, mas, sinceramente, eu me vejo mais como um carcereiro...

- Ora, Doutor, não diga isto - redargüiu o médium, com a intenção de me animar. - O senhor é uma bandeira do Espiritismo... O Sanatório Espírita de Uberaba, que o senhor dirige, é uma das instituições mais respeitadas no Brasil e no exterior.

Eram quase quatro da tarde. Paulinho ainda estava retido no isolamento; os doentes mentais esqueciam depressa, mas o episódio com o leite fervendo me deixara com receio: as autoridades policiais não nos poupariam, caso houvéssimos tido um incidente mais grave...

Coisa impressionante: encontrando-nos com Manoel Roberto no corredor de acesso à cela onde Paulinho fora recolhido, pedi a ele que nos acompanhasse com as chaves para abri-la. Perguntei:

- Como está o nosso menino?

- Calmo, Dr. Inácio; ele está bem - pelo menos, aparentemente, está bem...

De fato, tudo parecia tranqüilo, mas, quando Paulinho, ou as entidades que o manobravam, colocou os olhos no Chico, imediatamente caiu em transe... Eu nunca vira

uma transfiguração como aquela - o rapaz

emagreceu, ficou maior, adquiriu um aspecto sombrio na face encovada e começou a falar, com voz rouquenha e ameaçadora, como se estivesse sendo reprimido em

seus

ímpetos de agressividade:

- Até que enfim, você veio... Face a face com Chico Xavier, o chefe dos hereges!... Eu nunca pude me aproximar tanto de você como agora - o culpado de tudo isto... Eu já tinha ouvido a seu respeito... Mas que disfarce eles arranjam para você! Que corpo desengonçado o seu!... Tenho informantes; eles me disseram

que,

na atualidade, você é o maior inimigo da Igreja...

Embora surpreso, Chico se manteve calmo, sem abrir a boca ante o espírito, que continuava:

- Seu francês tolo!... Você é que deveria ter ido para a fogueira!... Pena que o meu braço não o tenha alcançado; eu queria ter tido você na Espanha!... Quem é que pensa que é? Que reencarnação que nada!... Vocês estão nos impedindo acesso ao Céu... Conspirando contra a Santa Madre Igreja!...

Interessante que a entidade espiritual, apesar de extremamente agressiva na palavra, inclusive pronunciando baixarias que deixo de reproduzir, parecia imobilizada por invisível camisa-de-força; contorcia-se toda, mas dela não se libertava...

- Você sabe quem sou eu? - gritou, como se estivesse em crise epiléptica. - Sabe, eu sinto que você sabe... Não pensem que, em prendendo aqui o meu instrumento, vocês me manterão preso por muito tempo...

Meu Deus!, aquelas palavras da entidade promoveram um clarão na minha cabeça: aquele inquisidor desencarnado estava preso no Sanatório; vinculando-se tão estreitamente

àquele menino, ele se encarcerara...

- Por enquanto - prosseguiu, sem que eu e Manoel

Roberto soubéssemos que providências tomar -, eu não posso me libertar: se eu forçar, ele morre, e não quero que ele morra antes que eu me vingue daquela cadela que o pariu... Ela me envenenou. Eu sei que foi ela. Fui traído... Eu a desejava, ela tinha um corpo lindo... Ficou grávida de mim e deu o meu filho aos muçulmanos - ciganos muçulmanos...

O ódio do espírito não impediu que os seus olhos se enchessem de lágrimas, quando se referiu ao filho.

- Meu irmão - falou, timidamente, Chico Xavier, ante o silêncio da entidade que provocava no corpo de Paulinho estranhas convulsões -, não se prenda ao passado. Esqueça... Somos filhos de Deus. Todos temos caído sucessivas vezes, mas somente através do amor nos levantaremos... Jesus não aprova a violência. A Verdade está em toda parte; não somos os únicos a estar com a razão... Não o consideramos na condição de inimigo; queremos tê-lo por companheiro de nossos ideais. E esse dia ainda chegará!... Vamos orar juntos, rogando

perdão pelos nossos muitos erros. Esta casa, que o hospeda com o seu filho de outras eras, pertence a Jesus Cristo! Ele aqui está recebendo carinho... Não nos queira mal. Estamos aqui para lhe ser útil...

Cale-se! Não quero ouvir - retrucou o espírito, preste a interromper o transe. - São palavras ditas ao vento... Se vocês me auxiliarem em meus propósitos de vingança, prometo ignorá-los. Não quero mais nada: só quero a ela e... meu filho. Aquele outro sairá de cena

com facilidade. É um intruso. Não resistirá a um sopro meu... Dizem que é meu irmão, mas eu não acredito.

E, deixando Paulinho estirado no chão, extremado como se tivesse recebido um injetável na veia, o obsessor, sem acrescentar palavra, se retirou. Juntamo-nos os três, eu, Chico e Manoel Roberto, para colocá-lo na cama. Efetuando pequena prece, estes companheiros lhe transmitiram um passe de refazimento.

Forte

cheiro de éter como que ionizou o ambiente daquele quarto no porão... Acompanhando Chico Xavier até a porta de saída do hospital, perguntei, estendendo-lhe a mão em despedida, enquanto o meu auxiliar acertava com o motorista do táxi:

- Quem você acha que é ele, Chico?

- Dr. Inácio - respondeu-me com descrição, a característica dos médiuns mais confiáveis -, esperemos que ele próprio se identifique; é um irmão nosso extremamente enfermo... Acredito que ele esteja, sem perceber, ensaiando os primeiros passos no caminho da redenção. O Dr. Bezerra de Menezes e Bittencourt Sampaio estarão atentos.

Façamos de nossa parte. Apenas peço ao senhor que não deixe o menino ir embora, antes que tenhamos uma melhor solução para o caso. Com repetidos acenos de mão em despedida, Chico adentrou o automóvel, alegando que estava esperando alguns amigos de São Paulo naquela noite, e partiu.

Sentindo o corpo moído, fui à cozinha e tomei um analgésico. Acendendo um cigarro, resolvi descer e, uma vez mais, olhar pela janela gradeada da cela, verificando

a situação ao meu paciente do Capão-da-Onça. Paulinho dormia profundamente, de semblante tranqüilo. O cheiro de éter ainda permanecia forte.

Subi as escadas que me haviam conduzido ao porão, verifiquei se tudo o mais estava em ordem e fui para casa, ávido por uma sopa quente que me reanimasse.

Daí a três dias, no domingo, receberíamos a visita dos pais de Paulinho que, para minha surpresa, trouxeram na sua companhia uma linda garota de dezesseis

de idade,

de nome Mariana, que também se fazia acompanhar por sua avó.

Mariana era uma jovem extremamente graciosa; cabelos castanhos-claros e olhos amendoados, trajava um vestido azul todo florido que lhe dava um pouco abaixo dos joelhos...

Assim que Paulinho a viu, o rapaz se transformou. Adquiriu nova postura, alisou os cabelos com as mãos, ajeitou a camiseta no corpo e abriu um sorriso.

- Como vai, Paulinho? - indagou a moça, estendendo-lhe timidamente a mão. - Você está melhorando? Os nossos amigos mandaram lembranças...

- Estou, Mariana; devagar estou melhorando - respondeu o jovem, um tanto envergonhado.

- Você precisa ficar bom depressa para sair daqui - atalhou, com evidente desequilíbrio na voz, dona Maria das Dores. - Eu não suporto ver você aqui...

Não

sei o que tem esta casa. Para mim, ela abriga as almas penadas do Purgatório... Fico toda arrepiada.

- Ora, controle-se, Das Dores! - interferiu o senhor Juliano. - Isto aqui é um hospital; o nosso filho está precisando de tratamento...

Não devemos

ofender

os médicos que estão cuidando dele. Eles não nos fizeram nenhuma exigência... Estou cansado de falar com você, mulher: os espíritas são gente boa...

- É mesmo, comadre - completou dona Josefina, avó de Mariana, que parecia ter vindo com o casal e com a neta para tentar amenizar as aflições da viagem.

-

Os espíritas nunca nos fizeram mal. O Sr. João Urzedo ajudou muita gente no Capão-da-Onça... Todo o mundo que chegasse com fome comia na casa dele.

- Mas eu não quero saber de Espiritismo; já ouvi muito padre dizer que isto é coisa do Demônio...

Vigilante, acompanhava o diálogo dos pais de Paulinho, sem, contudo, perder o meu paciente de vista. Fiquei com receio de que, novamente na presença da mãe,

ele

se alterasse, o que, felizmente, não aconteceu. A presença de Mariana estava sendo um tranqüilizante eficaz.

Aproximei-me, cumprimentei o Sr. Juliano, dona Josefina e dona Maria das Dores, que se recusou a me estender a mão, virando o rosto com um muxoxo.

- Como é, Paulinho? - perguntei, procurando desfazer o mal-estar.

- Recebendo a visita da namorada?

O rapaz corou na hora, sorrindo, sem coragem de me fitar.

- Como vai, minha filha? - cumprimentei Mariana, sentindo pela menina um carinho que nem eu poderia explicar; como nunca tivera filhos, encantava--me a figura de uma jovem como Mariana...

- Eu vou bem... E o senhor? - respondeu, educadamente. - O senhor é o médico do Paulinho? Ele vai ficar curado, não vai?...

- E claro que vai, Mariana! - disse com convicção, pousando a destra no ombro do rapaz. - O Paulinho não tem nada no cérebro; o problema dele é espiritual...

- Espiritual... - resmungou baixo, mas audível, dona Das Dores, como contestação.

Sem dar muita importância à genitora do meu paciente, a qual, na minha concepção, era quem deveria estar internada no lugar dele, prossegui conversando com Mariana:

- O seu namorado vem sendo assediado por um inimigo da família; trata-se de um espírito revoltado e de grande poder hipnótico... No entanto acredito que ele vai acabar cedendo. Já faz muito tempo - dezenas e dezenas de anos - que ele se encontra nesta situação. Temos conversado com ele. Acredito que tudo seria mais fácil, se dona Maria das Dores cooperasse um pouco mais...

- E eu tenho cooperado - redargüiu, fazendo por três vezes o sinal-da-cruz. - Rezo todos os dias a Santa Teresinha do Menino Jesus e entrego a ela a sorte do meu filho. Tenho certeza de que, a qualquer momento, acontecerá um milagre...

- Ela passa quase o dia todo de joelhos, Doutor - atalhou o marido, com descrença. Querendo ganhar um pouco a confiança daquele atormentado espírito, comentei:

- A prece nunca é demais... Precisamos nos unir. O importante é que Paulinho sare logo e me convide para o casório...

Mariana e o rapaz se entreolharam, felizes. A presença da garota, Paulinho, desde que chegara ao Sanatório, nunca estivera tão normal.

- Creio, Mariana - disse, brincando com os seus cabelos quase cacheados -, que você é melhor médico para ele do que eu; você deveria visitá-lo com maior frequência...

- Eles estão prometidos um para o outro, Dr. Inácio - comentou o Sr. Juliano. - A Mariana era filha de um grande amigo meu, que a cascavel picou; a mãe dela

morreu quando estava grávida do segundo filho. Desde pequena, Mariana é criada pela avó, que também é viúva... Quando Mariana nasceu, o compadre Belmiro me disse

que, um dia, os nossos filhos haveriam de se casar; o senhor não há de ver que os dois começaram a namorar, cresceram juntos e parece que a coisa vai dar certo,

não é mesmo, comadre Josefma? - perguntou o sitiante à avó da menina, que me parecia uma senhora ponderada.

- E verdade, mas eles ainda precisam esperar um pouco mais - respondeu, cautelosa. - Paulinho, primeiro, precisa ficar bom... O senhor não concorda, Doutor?

- Concordo com tudo o que vocês disserem - observei, torcendo para que, um dia, aquele namoro acabasse em casamento. - Aliás, eu não estou aqui para discordar

de ninguém... Digo-lhes apenas o seguinte: se eu estivesse doente e tivesse uma namorada como a Mariana, trataria de ficar bom depressa... Se o Paulinho não casar

com ela, eu vou acabar casando... - caçoei.

A minha brincadeira não conseguira arrancar o mais discreto sorriso de dona Maria das Dores. De fato, a sua alienação psíquica era preocupante... Convenci-me

de

que' a salvação de Paulinho seria Mariana. Embora inofensivo, o seu pai me parecia um homem sem maior determinação - um homem bom, mas sem iniciativa; talvez

ele

apenas soubesse cuidar da terra e do gado...

Antes de se despedir, Mariana abriu uma pequena bolsa que estava com dona Josefma, tirou de dentro dela um pequeno crucifixo preso a um cordão e o colocou em volta

do pescoço de Paulinho.

Pensei no perigo que aquele barbante em torno do pescoço de um paciente psiquiátrico pudesse representar, mas logo desconsiderei a idéia: além de ser um

cordão muito

fino, o presente de Mariana para Paulinho era uma espécie de objeto que, em hipótese alguma, ele profanaria.

Quando estavam de saída, dona Josefina me indagou:

- Por quanto tempo, Doutor, Paulinho ainda precisará ficar internado?

- Não sei, minha irmã - respondi, procurando abaixar o tom de voz, para que o rapaz, que estava tendo alguns poucos minutos a sós com Mariana, sob os

olhares

vigilantes de Manoel Roberto, não ouvisse os meus prognósticos. - Vai depender. Ainda precisamos trabalhar o espírito... dona Maria das Dores, pelo que vejo,

não

está em condições de nos ser mais útil. Quando ele estiver melhor, mando avisar. Tem gente do Capão-da-Onça toda semana em Uberaba.

O casal de namorados se despediu apenas com um aperto de mão mais demorado; Mariana encheu os olhos de lágrimas e Paulinho voltou chorando para o quarto...

Pelo menos, a visita daquele domingo servira para que os demais pacientes se esquecessem do episódio com o leite fervendo, que queimara três internos.

O jipe empoeirado arrancou e eu voltei para dentro, procurando dar alguma atenção a outros que ali haviam ido para uma visita rápida aos familiares.

Quando caminhava pelo corredor, com a cabeça povoada de pensamentos que me subtraíam o espírito, uma enfermeira me avisou:

- Dr. Inácio, o Sebastião está novamente com aquelas crises de depressão...



Sebastião era o nosso hóspede mais antigo; morava no Sanatório por mais de dez anos. Quando se sentia melhor, varria o pátio, lavava o banheiro, mas a maior

parte

do tempo não fazia nada... Ociosidade - o agravante dos males da alma!...

- Como é, Sebastião? - interroguei, sentando-me ao seu lado, sem inspiração alguma para conversar; as visitas de domingo também acabavam por me

deprimir em

relação à melhora dos pacientes; de um modo geral, os familiares se revelavam sem a mínima condição de cooperar com o tratamento que era efetuado no

Sanatório...

Novamente pensando em morrer?...

- E de que, Dr. Inácio, está servindo a minha vida?... Faz mais de dez anos, a cada domingo, espero pela visita de um familiar que nunca aparece. Os meus

filhos me esqueceram aqui...

Sebastião viera de uma cidade de Goiás, trazido por um filho que, prometendo voltar no próximo mês,

nunca mais viera. O endereço que fornecera na ficha estava equivocado.

Cansei-me de tentar entrar em contato telefônico e telegrafar...

Com quase setenta anos, aquele senhor, que tinha sido alcoólatra havia

dez anos atrás, chegara ao Sanatório quase desmemoriado; a sua ficha se

perdera e o

que ele

dizia não era muito confiável...

Com grande abatimento, ele prosseguiu falando:

- Sou um peso para vocês; não posso pagar pela comida que me dão... O melhor mesmo seria morrer. Eu não acredito em vida depois da morte. O senhor

me perdoe,

Dr. Inácio, pois o senhor tem sido um pai para mim, mas eu não acredito

na existência de vida depois da morte... Vocês poderiam me aplicar uma injeção

para que eu

dormisse e nunca mais acordasse; não estou mais agüentando isto... Dêem-

me pelo menos uma corda para que eu me enforque...

- Sebastião - disse-lhe com certo cansaço na voz -, já conversamos diversas vezes sobre este assunto. A vida é um dom de Deus; precisamos esperar,

com paciência

e resignação, pelo momento aprazado... Você se casou, teve filhos; eu não

me casei e não tive - e não foi por falta de tentativa!... Eu também sou sozinho. Tenho

o meu trabalho nesta casa e mais nada. Os meus familiares são vocês. Não vamos discutir se existe ou não existe vida fora da matéria; quem sou eu

para

convencer

alguém a respeito da Verdade que ele prefere ignorar?...

- Doutor, mas eu não estou servindo para nada... Eu quero morrer!

Se existe outra vida, como vocês dizem, melhor morrer e começar tudo de novo... Conviver

com esta lembrança do passado é terrível... Perdi a existência. Não tenho a gratidão nem daquele que coloquei no mundo... Eu era um bêbado.

Recordo-me

apenas de

que, de tanto sofrer, a minha esposa abandonou a casa; fugiu com um homem, nem sei para onde... O José e o Antônio foram criados por uma tia; eu vivia nas ruas, cambaleando...

A depressão é um mal terrível. Os argumentos dos que se permitem dominar por semelhante estado d'alma são quase irrefutáveis; eles se retratam como se sentem por dentro, mostrando-se completamente refratários a qualquer argumentação em contrário.

Estive para pedir à enfermeira que lhe desse uma carga maior de medicamentos, dispensando-me, uma vez mais, de tentar demovê-lo daquela idéia fixa de suicídio;

para mim seria mais fácil, pois, naquele instante, eu não saberia qual de nós dois o mais deprimido...

Todavia, lembrando-me da minha responsabilidade, mas não querendo levar aquela discussão filosófica que se esboçava adiante, convidei:

- Sebastião, levante-se da cama e venha comigo. Vamos ao quintal...

Ganhei três galinhas poedeiras e um galo índio. Eles não podem ficar soltos.

A experiência com os doentes do Sanatório me havia ensinado que uma das táticas que funcionava bem era, por vezes, mostrar-me mais louco do que eles; com frequência, eu mudava de assunto: eles estavam falando de pau, eu começava a falar de pedra...

Vamos, Sebastião, levante-se. Neste hospital, até os bichos são loucos... Vamos dar um jeito de fechar aquelas galinhas - existem muitos gambás por

estes

matos; são galinhas lindas, daquelas de barbela... Você conhece galinha de barbela, Sebastião?...

- Conheço, Dr. Inácio. Lá em Goiás tem bastante delas. Elas chocam, que é uma beleza!...

- Convém que choquem, mesmo, pois, se não chocarem, irão para a panela... - respondi com o propósito de espantar os demônios do corpo...

- E você,

Sebastião

- disse, apontando-lhe o dedo em riste -, não fique pedindo corda para morrer não, porque uma hora eu mesmo acabo dependurando você... Onde é que já viu, um marmanjo

desses, um velho enxuto como você!... Vá namorar a lavadeira... Você já viu a nossa nova lavadeira? É uma morena daquelas, e viúva!...

Aquela crise de depressão estava, pois, superada -a do Sebastião e a minha. Ai de mim, se eu não trabalhasse o dia todo!... Se fosse levar tudo a ferro e fogo,

eu

estaria perdido: acabaria entrando numa daquelas celas, trancaria a porta e jogaria a chave fora. O segredo para combater a depressão era não perder o senso

de humor

- eu galhofava o dia inteiro. Curei muitos perturbados, mostrando-me mais perturbado do que eles. E, no Sanatório mesmo, cansei-me de ver médicos excessivamente

pragmáticos piores do que os pacientes...

Na segunda-feira, logo pela manhã, Manoel Roberto veio me avisar:

- Dr. Inácio, tem um pessoal de Veríssimo que

rendo falar com o senhor...

Pedi que entrassem e os atendi na saleta de recepção, uma espécie de saguão aberto, onde costumava fazer o primeiro contato com os que me procuravam.

O caso era desesperador. Um casal havia vindo da cidade de Veríssimo, trazendo a filha, uma moça solteira com os seus mais de trinta de idade, com evidentes

sinais

de distúrbios psíquicos. A moça revelava o corpo coberto de úlceras descamativas, que sangravam...

- Doutor, temos pelejado com a nossa filha; há uns três anos, apareceu esta coceira no corpo dela. Já fizemos de tudo: passamos diversas pomadas, banhos com plantas medicinais, simpatias que nos ensinaram, e nada. Ela só tem piorado... Eu não sei se é da doença - explicava o genitor, aflito -, mas, de alguns meses

para cá, ela está meio perturbada, não fala coisa com coisa, enfia as unhas na pele como se estivesse querendo rasgar a própria carne...

Gostaríamos que

o senhor

tratasse da nossa Irene. Coitada! Estava noiva, de casamento marcado, mas, agora, deste jeito...

Dermatologia nunca foi o meu forte em Medicina, no entanto aquele quadro era de diagnóstico inconfundível. Detendo-me a examiná-la com maior cautela, questionei:

- Irene, coça muito?...

A moça, de olhos arregalados, perdidos em um ponto qualquer do horizonte, respondeu:

Queima, Doutor; queima e arde... Sinto como se estivesse numa fogueira... Não tive mais dúvida - era, de fato, pênfigo foliáceo, ou, em outras palavras, fogo-selvagem.

Enquanto Manoel Roberto providenciava um copo d'água para Irene, chamei os seus pais à parte e esclareci:

- Não é um caso para mim... A moça, em verdade, está um tanto prejudicada emocionalmente. Creio até que existe um componente espiritual: obsessão, mas o problema dela é uma doença popularmente chamada de fogo-selvagem...

A mãe começou a chorar, disfarçando as lágrimas de desespero. Eram gente muito simples; haviam vindo de carroça e não tinham a quem apelar.

- Vamos ver o que nos será possível fazer - disse, tentando confortá-los. - Aqui, em Uberaba, existe um hospital que trata destes casos. Vocês já ouviram

falar de dona Aparecida, do Hospital do Pênfigo?

- Já, Dr. Inácio, mas não temos recursos para pagar o tratamento dela; conhecemos pouca gente em Uberaba... Saímos de Veríssimo de noitão, pois

não poderíamos

viajar com sol: no calor, a Irene fica quase louca! Tempos atrás, ela saltou dentro do rio e quase morreu afogada...

Compadecido da situação da jovem, que, de fato não tínhamos como receber no Sanatório, deixando-a na companhia dos outros internos, comentei:

- Não se preocupem. dona Aparecida é uma mulher muito caridosa. Costumamos mandar doentes um para

o outro... Vou só assinar uns papéis e dou uma chegada lá com vocês; aliás, vou pedir a alguém que os guie.

Daqui a pouco eu desço com o meu carro; o hospital não fica muito longe - é só descer um morro e subir outro...

Fiquei embaraçado por cerca de uma hora, prescrevendo, verificando fichas. Quando cheguei ao Hospital do Pênfigo, dona Aparecida já estava conversando com

o casal

de Veríssimo e com Irene.

Ao me ver, foi logo abrindo o seu sorriso característico e caminhando ao meu encontro, com os longos braços balançando:

- O senhor está ficando bom nisto, Dr. Inácio... -

comentou, confirmando meu diagnóstico. -Infelizmen-

Ic, é pênfigo mesmo, e em estado adiantado... Ela vai precisar ficar

aqui, mas o senhor poderia dar a ela um remédio para a cabeça: tenho medo de que a nossa

paciente

faça uma besteira. O senhor sabe como é: às vezes, precisamos amarrar o

doente na cama... Hoje estamos aqui com mais de quarenta, entre homens e mulheres e

duas

crianças. Antigamente, o pênfigo não atacava as crianças...

- Aparecida, o passado é implacável; devemos ter feito muita coisa errada, nós dois: eu, cuidando de doidos, e você, cuidando de

penfigosos... Agora

vamos

pensar no que esse pessoal deve ter feito...

- Segundo o Chico Xavier, que me visitou um dia destes -

esclareceu a fundadora do nosocômio, o único num raio de muitos e muitos quilômetros -, quem

reencarna

com fogo-selvagem é porque ateou fogo no próprio corpo, cometendo o

suicídio, ou, então, queimou gente viva na fogueira...

Até aquele momento, eu não havia ligado uma coisa com outra: os espíritos que, no passado, haviam lidado com fogo estavam me rodeando. No

Sanatório, enfrentávamos

aquele problema com Paulinho e o espírito do inquisidor que não o deixava e, agora, aquela moça infeliz com fogo-selvagem... Estávamos cercados de

labaredas!...

Em rápidas palavras, comentei com Aparecida sobre o drama que estávamos vivenciando no Sanatório.

- Dr. Inácio, a maioria dos nossos internos não pode ver fósforo. O Chico Xavier tem razão... Eu só

não entendo por que estes espíritos, como diz o senhor, dos inquisidores do passado, estão vindo para Uberaba...

- É a presença do Espiritismo aqui, Aparecida -respondi, sem, no entanto, conseguir as palavras certas para melhor me explicar. - Os que

se arrependeram

do

que fizeram estão se redimindo; os que ainda não se arrependeram

continuam combatendo o que rotulam de heresia...

- Eu sei que o senhor tem sofrido muitas perseguições da Igreja, Dr. Inácio; fiquei sabendo da procissão que o Bispo organizou e fez parar em frente

à casa

do senhor... - mostrou-se Aparecida mais bem informada do que eu supunha.

- Estamos sob fogo cruzado... - observei-lhe, exteriorizando certa ironia- o fogo dos inquisidores que estão no Além e o fogo dos que outra vez encarnaram

de batina. Se continuar assim, vamos acabar virando churrasco - principalmente eu: esse povo tem uma gana em mim! Irene permaneceria internada por três longos anos, ao fim dos quais, infelizmente, viria a desencarnar. Tudo, no entanto, foi feito para amenizar os seus grandes padecimentos; pelo menos, antes de deixar o corpo, ela recobrou a lucidez e partiu com serenidade, inclusive dirigindo algumas palavras de consolo aos próprios pais.

19 - Po QUERUBIHA

Quando voltei ao Sanatório, dona Querubina estava me aguardando.

- Olá, Dr. Inácio! Como vai o senhor? - saudou-

-me com efusiva manifestação de apreço.

dona Querubina era uma senhora de mais de setenta, benzedeira, que tomava conta de dois pirralhos, seus netos. De quando em quando, ela aparecia para dois dedos

de prosa. Bebíamos café e pitávamos; eu acendia o meu cigarro e ela o seu cachimbo...

- Como vai indo, minha velha? - interroguei, aliviado com a sua presença, que me deixava envolto em boas vibrações.

- Comigo tudo em paz, Doutor. E com o senhor, como é que vai indo a luta?...

- Como a senhorajá sabe: "Se correr o bicho pega; se ficar, o bicho come"...

100

- Eu sei, eu sei... - observou, concordando literalmente. -

Inclusive, Doutor, estou aqui por causa disto mesmo. Temos sempreorado pelo senhor lá em casa, e ontem tivemos uma revelação...

?!...

- O meu guia, o espírito de Pai Jacó, me falou da existência de uma legião de exus sobre o Sanatório. Carece o senhor tomar muito cuidado...

Exus?!... E ainda por cima em legião!... Era só o que me faltava... - refleti, sem saber ao certo como reagir.

- Pai Jacó me mostrou, meu filho, e eu vi... São dezenas, todos com tochas acesas na mão e longas roupas escuras e têm um chefe... Não pude ver o rosto dele, mas me parece um espírito muito mau. Os outros espíritos têm medo dele... O que dona Querubina estava dizendo batia com tudo aquilo que vivenciávamos no Sanatório, ultimamente. A mediunidade da benzedeira, que recebia lá os seus caboclos

e pretos-velhos, era fantástica!...

- Aumente a vigilância, meu filho! - prosseguiu a mãe-de-santo, que eu sentia imensa alegria em auxiliar, todas as vezes que me procurava. - Estão querendo

a sua cabeça; querem fechar isto aqui de todo jeito!... Pai Jacó prometeu não deixar que nada de mal aconteça a você, mas os exus têm gente deles aqui dentro...

- Agradeço o alerta, dona Querubina, e não dispenso a proteção de Pai Jacó emendei, convicto. - Do jeito que as coisas andam, nós aqui estamos precisando

de todo o mundo. As rezas da senhora serão sempre bem-- vindas. Eu não tenho nenhum tipo de preconceito...

- Antes de me retirar, Doutor, eu queria saber se o senhor aceitaria uma benção minha...

- É claro, minha irmã - respondi, convidando-a à discrição de uma sala onde ninguém nos interrompesse ou causasse estranheza ver aquela senhora

cheia de colares

de contas no pescoço me transmitindo um passe, segundo a sua crença. - Se a senhora não me oferecesse a benção, eu já estava para pedir; sinto-me mesmo

precisando

de um descarrego da cabeça aos pés... - argumentei, com o propósito de deixá-la à vontade.

Sentei-me numa cadeira e não demorou mais que um minuto para que dona Querubina caísse em transe. Pronunciando algumas palavras em dialeto africano, o espírito

Pai

Jacó, incorporado, segurando-me as mãos entre as suas, falou-me, respeitoso:

- Meu filho, sei que você conta com a proteção de elevados emissários do Cristo nesta casa. Aqui estou conversando com você com a permissão deles... Não se preocupe. O nosso propósito é o mesmo. Você deve ter cautela... Os exus estão revoltados; estão resistindo aos apelos da Lei para que retomem o corpo na Terra... Amotinaram-se no Além. Um dos líderes deles está aqui. Querem combater o Espiritismo, investindo contra aqueles que o representam na comunidade. Não basta morrer, para aceitar a Verdade... Nosso Senhor Jesus Cristo continua sendo crucificado por aqueles que justamente imaginam servi-lo... Os alicerces da Igreja estão comprometidos: não há mais como salvar essa instituição milenar!... Os compromissos espirituais assumidos

foram

muito grandes; os verdadeiros pastores, com raríssimas exceções, desapareceram do Catolicismo...

Revelando uma condição intelectual superior à de dona Querubina, que lhe servia de intérprete, prosseguiu o iluminado guia, que se ocultava sob o pseudônimo

de Pai

Jacó:

- Exus, meu filho, são espíritos que se devotam ao Mal; são aqueles que, infelizmente, se fazem discípulos das Trevas!... Não esmoreça em sua luta. Auxilie

mos o rapaz que aqui se encontra internado; trata-se de

um espírito que é muito caro aos sentimentos do líder

dos exus ao qual estamos nos referindo... É a oportunidade de que ele reconheça os seus erros seculares, cometidos em nome da Fé. Se

conseguirmos fazer com

que ele aceite a reencarnação, desarticularemos numerosa legião das sombras que resiste aos alvitres do Bem...

Estamos com você e com os demais companheiros en

carnados que trabalham nesta casa.

Fazendo breve pausa, antes de me dirigir as suas palavras finais, Pai

Jacó me abençoou com o passe que me deixou de alma mais aliviada, como se estivesse retirando

com as mãos e dispersando na atmosfera o peso de muitas vibrações negativas.

- Agora, eu já me vou, meu filho. Não se sinta enfraquecido... Pai Jacó estará sempre por perto; se você precisar de mim, é só chamar... Você me conhece com outro nome, mas eu sou o mesmo espírito. Que Nosso Pai o proteja!... Saindo do transe, dona Querubina pediu um copo d'água, beijou as minhas mãos e, ao se despedir, fiz com que aceitasse alguma ajuda para os meninos.

- Veio na hora certa, Doutor; eu estava mesmo precisando comprar material de escola para aqueles dois... Desde que minha filha morreu e o pai os deixou comigo, tem sido dura a minha lida - redargüiu, humilde, a velha benzedeira e mãe-de-santo. Antes que se fosse de vez, a ialorixá tirou de uma sacola uma pequena imagem de Pai Jacó, presenteando-me com ela. Olhei demoradamente, procurando, em seguida, um lugar discreto para colocá-la. Durante algum tempo, a estatueta de Pai Jacó ficara ali, em cima de uma pequena estante, logo abaixo de um quadro do Dr. Bezerra de Menezes; todas as vezes, que eu a olhava, vinham à minha mente as suas enigmáticas palavras:

- "Você me conhece com outro nome, mas eu sou o mesmo espírito"!...

Naquela quarta-feira, em nossa reunião mediúnica - desobsessão, assim que caiu em transe, dona Modesta começou a se contorcer, crispando as mãos sobre

a mesa, com visível esforço para não permitir que a entidade manifestante a esmurrasse. Súbito, uma gargalhada que, inclusive, deve ter sido ouvida na rua pelos transeuntes, certamente confundindo-a com um dos delírios dos nossos muitos internos, ecoou desafiadora...

- Tolos! - bradou o espírito com irônica entonação de voz... - Eu estou sabendo de tudo; vocês não me enganam: estão tramando a minha volta ao corpo...

Aquele velho, aquela velha... Ela viu ontem do que sou capaz: joguei-a no chão e lhe quebrei o pé...

Eu ainda não havia recebido a notícia de que dona Querubina escorregara, próximo ao batedor de roupas de sua casa, e, no dia anterior, quebrara o pé... Na

quinta-feira pela manhã, eu e dona Modesta haveríamos de fazer-lhe uma visita cordial, dispondo-nos para o que se lhe fizesse indispensável à recuperação.

;- Desistam!... - continuava a entidade, como se estivesse a dardejear vibrações. - Eu os reduzirei a cinzas! Posso provocar um curto-circuito a qualquer instante e atear fogo nisto tudo aqui! Não brinquem comigo... Soltem o rapaz, soltem o meu menino; ele não tem culpa de nada - é aquela megera; foi ela que me traiu...

- Então, Paulinho foi seu filho?... - arrisquei, indagando.

- Cale-se!... Você está querendo saber demais... Eu o mato!... Se você não o soltar, eu o destruo!...

- Mas, meu irmão...  
- Que irmão, coisa nenhuma!... Dobre a língua, quando ousar dirigir-se a mim. Fui nomeado Inquisidor Geral pelo Papa... Tenho amplos poderes; posso fazer e desfazer... Vocês estão conspirando contra a Igreja- modernos fariseus, travestidos de cristãos!... Deixem-nos em paz... Vocês estão profanando os túmulos.

O poder

da Igreja se estende para além desta vida miserável no corpo de carne...

- Vamos falar de Paulinho... - insisti, reconhecendo que aquele era o seu ponto vulnerável.

- Não o toquem... Eu o quero de volta, eu o trarei de volta, mas somente depois que ele esganar aquela adúltera... Ela me traía com todo o mundo. Eu,

que

não tinha receio de homem algum, fui vencido por uma mulher... Eu a amava loucamente... Não sei que poder ela tinha sobre mim...

- Paulinho é um bom menino... - repetia, prevalecendo-me dos momentos em que a médium sentia necessidade de tomar fôlego.

- Atrevido!... Vocês querem convertê-lo a essas heresias de vocês, não é? - gritava, custando conter-se a entidade do ex-inquisidor.

- Não são heresias; você está se comunicando conosco. É o seu espírito que está falando através de um médium...

- Que médium nada!... São poucos os mortos com poder de falar com os vivos... A Igreja está repleta de santos. Vocês estão pretendendo nos

substituir

nos altares, não é?". Eu quase fui canonizado... Eu posso vir quando quero. O resto aqui é baboseira... É tudo invenção da cabeça desta mulher...

- E Pai Jacó, meu irmão?... Será também uma invenção?...

- Estamos precisando de uma inquisição por aqui; há muita gente que precisa morrer uma segunda vez na fogueira... Esse Pai Jacó de vocês é inacessível;

sempre

que me aproximo dele, desaparece... É um homem de mil disfarces... Tem medo de enfrentar cara a cara...

- Eu gostaria de trazer Paulinho para conversar com você... - propus, num lampejo de inspiração.

- Nunca!... Eu converso com ele quando quero. Ele me escuta e me obedece...

- Você só fala; você precisa ouvir... Não gostaria de ouvir a voz de seu filho soando aos seus ouvidos?... Você se impõe ao Paulinho, mora dentro do corpo dele...

- Mentira, mentira!... - esbravejou, com a boca espumando.

Eu não poderia consentir que aquele transe se prolongasse por mais tempo. dona Modesta estava se desgastando além do que deveria suportar a pressão psíquica

com

o espírito do ex-inquisidor; a cefaléia renitente se apresentara...

Visando abreviar o assunto que, com certeza, se arrastaria noite a dentro, argumentei:

- É a proposta que eu lhe faço: você quer que eu libere o seu filho. Pois bem, converse com ele e eu lhe dou a minha palavra...

- A sua palavra não vale coisa alguma para mim... Quem você pensa que é para me fazer proposta? Se eu quiser, tiro Paulinho daqui esta noite mesmo?...



- Como?!... - perguntei, cometendo o erro de denotar desafio a ele.

Sem nada responder, o espírito soltou um urro e deixou a médium desfalecida, completamente inerte, de rosto colado à mesa. Manoel Roberto trouxe, às pressas, um chumaço de algodão embebido em álcool. Era o que, no momento, tínhamos ali mais próximo, que fizemos dona Modesta cheirar, e, massageando-lhe as têmporas, providenciamos que recobrasse os sentidos.

Quando pôde falar, a médium considerou:

- Inácio, esse espírito é dos piores que tenho visto em toda a minha vida... Não convém desafiá-lo. Tive que fazer um esforço muito grande para que ele não me obrigasse a saltar sobre você... Nas reuniões seguintes, vamos retirar todos os objetos do recinto e, aí, vou pedir a você que me amarre na cadeira. Se ele passar a mão num copo de vidro, ele o quebra e corta a garganta de um de vocês; é ágil como um felino...

Eu estava impressionado. dona Modesta nunca me fizera uma solicitação semelhante.

Enquanto esperávamos que a nossa irmã se restabelecesse de todo, Manoel Roberto foi à cozinha e, com o auxílio de uma das senhoras que participavam conosco

da sessão

mediúcnica, mandou trazer um café, que tomamos como quem, aos poucos, se refazia de uma surra.

Após a sessão de quarta-feira, que sucintamente descrevi, as coisas se acalmaram no Sanatório. Paulinho estava mais tranqüilo, dando-me a impressão de que o espírito

que o perseguia estivesse repensando a sua tática obsessiva. Na quinta-feira, dona Modesta estivera no Sanatório e, refeita do abalo da véspera, entramos a conversar descontraidamente.

- Inácio - disse-me ela -, é lamentável a situação de certas entidades além da morte: eu não compreendo como não possam aceitar a Verdade,

assim que se reconhecem, em definitivo, fora do corpo; como esses espíritos podem continuar afrontando o nome do Senhor, convictos de que estão certos - digo afrontando, porque é em nome

do Evangelho que espalham a descrença...

- Você tem razão - comentei. - Eles não atendem nem mesmo os nossos Maiores... A gente tem a impressão de que no Mundo Espiritual as opiniões estão mais divididas que na Terra - os espíritos não se entendem; os padres continuam defendendo os seus pontos e vista; os evangélicos prosseguem apegados às citações da Bíblia, os descrentes da existência de Deus perseveram em seus questionamentos infundados...

Morrer não

adianta. Para a maioria dos desencarnados, o tempo parece não passar...

- Na condição de médium, Inácio - dava seqüência a devotada cooperadora -, experimento, em contato com os espíritos, muitas angústias; com exceção dos nossos Benfeitores, que me transmitem uma sensação de paz, por vezes retenho na alma as impressões que os espíritos sofredores não conseguem externar em seus diálogos conosco... Fora do corpo, a maioria se revela desorientada, sem qualquer noção de rumo em seus novos caminhos; não conseguem ascender aos Planos Superiores; não se preparam para a realidade e não se mostram dispostos a admitir os seus equívocos...

- Você imagine, Modesta, o espírito desse inquisidor que se apresenta tão endurecido... Faz tanto tempo!... Como é que há de ser?...

- Tenho a impressão que, desde aquela época, ele não reencarnou - observou a médium, cujos apontamentos neste sentido eram semelhantes aos meus. -

Quando ele se aproxima de mim, eu o vejo ainda naquela mesma condição: a sua aura como que projeta à sua volta as imagens daquele tempo; ele se considera uma

112

autoridade religiosa e são muitos os que caminham sob o seu comando...

- Deus não violenta consciência alguma. A gente deve ter medo de viver tanto tempo assim na ilusão... Quantas oportunidades desperdiçadas! Somos todos

filhos

de Deus; não sei por que nos opomos uns aos outros com tanta violência...

Será que queremos o Reino do Céu apenas para nós? Não o queremos

compartilhar

com mais

ninguém?... Será que é pela primazia do amor de Deus que

enlouquecemos?... - filosofei, sem nenhuma vocação para a arte que

imortalizara Rousseau, o pensador

de

minha preferência.

- Inácio, estamos no Espiritismo e nos julgamos mais corretos que os outros, não é? Precisamos também estar com a mente sempre aberta... O Espiritismo

é fé

raciocinada, mas tenho visto muitos espíritas fanatizados.

- O fanatismo é um mal terrível, mormente o fanatismo religioso.

Tenho a impressão de que é um veneno inoculado diretamente na alma... Na chamada

idéia fixa,

o espírito promove a auto-obsessão; um dos exemplos mais clássicos que

temos, neste sentido, é o de Paulo de Tarso. Por acreditar-se com a

razão, foi responsável

pela morte de Estêvão e praticamente desencadeou a perseguição que os cristãos padeceram durante trezentos anos...

- Com este espírito que estamos lidando, creio que precisamos tentar sensibilizá-lo; inútil qualquer confronto teológico com ele, pois que se acredita

correto

em suas atitudes de inquisidor que ainda imagina ser...

113

Ninguém é essencialmente mau. Ele pode, no passado, ter mandado muita gente para a fogueira, mas, no fundo, creio que esteja ansiando por uma nova oportunidade...

- Tudo se resume no perdão...

- Você tocou no âmago da questão, Inácio. Vejamos: a maioria dos nossos pacientes no Sanatório são almas que desconhecem o perdão - não perdoam

e não se perdoam...

- E não são humildes o bastante para pedir perdão - complementei.

- De fato, todos temos esta dificuldade; a gente sempre se considera o ofendido e o prejudicado...

- Esquecemo-nos de assumir a nossa parcela de culpa e, então, surgem os problemas psicológicos que a ciência médica rotula com tantos nomes confusos...

-emendei,

lembrando a minha indisposição para guardar toda aquela nomenclatura; no Espiritismo, as coisas eram mais simples e a palavra obsessão resumia tudo.

- A falta de perdão pode levar à loucura...

- Correto. Jesus, o Divino Médico, concentrou a sua doutrina no perdão - foi a sua derradeira lição na cruz! A prática da caridade é importante, mas a caridade

nos coloca em contato com aqueles aos quais, normalmente, somos indiferentes; o perdão não: o perdão é específico; temos que perdoar aos adversários

- perdoar e

receber o perdão.

- A sua observação, Inácio, é interessante - disse a médium. - Realmente, a caridade é um sentimento

114

que experimentamos por quem nos inspire compaixão, mas o perdão...

- O perdão é a suprema vitória do homem sobre si mesmo!... Quem perdoa se liberta do passado. É o ódio que nos mantém cativos... Esse espírito

que tem se

comunicado conosco e que tanto mal tem feito à família daquele rapaz do Capão-da-Onça não admite que tenha se enganado. Ele tem amor ao Evangelho, mas

é um amor

louco, um amor que mandou milhares para a fogueira... Insanidade pura. A imperfeição espiritual é uma doença grave.

- Conversamos, conversamos, mas praticamente não saímos do lugar, não é, Inácio?

- Não saímos da nossa necessidade básica, cara amiga: necessidade de sermos misericordiosos uns para com os outros. Se não aprendermos a ser indulgentes, não adianta remédio, não adianta Sanatório, não adianta mediunidade. Tudo será paliativo.

- Por isto, chegamos no Plano Espiritual e continuamos na mesma...

- Então, você, na condição de médium, sente na alma a angústia e a aflição desses espíritos que, em essência, estão carecendo de exercer o perdão: eles rodeiam,

rodeiam, não falam, mas o problema deles todos, e nosso também, é o perdão... Quando tocamos no assunto, é como se estivéssemos colocando brasa viva

em cima de uma

ferida.

115

Sempre combati a inatividade dos pacientes no Sanatório; ao meu ver, o trabalho é dos melhores recursos terapêuticos contra a obsessão - ocupar a mente, cansando

o corpo, significa despejar o inquieto indesejável, o espírito obsessivo, que, aos poucos, não mais encontrando sintonia, se afasta... Os doentes refratários

à terapia

ocupacional sofriam constantes recaídas - recebiam alta, iam para casa, mas, logo, infelizmente, eram trazidos de volta pelos seus familiares; aliás, o apoio

da

família na recuperação de um doente psiquiátrico deveria ser um capítulo à parte na Medicina...

Com quase quarenta dias no Sanatório, Paulinho estava muito ocioso; passava os dias praticamente sem fazer nada. Às vezes, jogava uma partida de damas com os

demais

internos, mas nada além disto.

Naquele dia, bem cedo, cheguei ao Sanatório com outros planos para Paulinho, resolvido a não lhe dar tréguas. Eu estava adotando aquele rapaz; tinha pena de seus pais, dele mesmo e, principalmente, de Mariana,

a jovem que me cativara com a sua simplicidade.

Tirando o meu cliente da cama, esperei que tomasse café e, juntos, fomos para o jardim.

- Paulinho - disse-lhe com determinação -, o jardim do hospital está precisando de alguns cuidados; você é do ramo, os seus pais são sítiantes; deve, portanto, saber manejar uma vassoura...

Observando a tiririca em meio à grama descuidada, Paulinho redarguiu:

- Dr. Inácio, sem uma enxada, vai ser difícil...

- Ora, meu filho - falei, abaixando-me e mos

trando como deveria ser feito -, não podemos ter enxadas por aqui - por enquanto, não... Arranque as touceiras

de mato com as mãos; a terra está fofa... Vamos dar um

jeito nisto aqui. O trabalho, Paulinho, é uma bênção.

Demonstrando boa vontade, o rapaz se curvou e começou, com relativa facilidade, a arrancar a tiririca -o joio que crescia ao lado do trigo, joio que ele deveria

arrancar de dentro de sua própria alma...

Providenciei uma vassoura nova e um balde de lixo, para que ele recolhesse os tocos de cigarro (a maioria deveriam ser meus) e mandei que alguém fosse ao galinheiro

trazer um pouco de estéreo para as roseiras mir-radas...

De quando em quando, observava Paulinho através de pequeno vitrô. O menino, de fato, havia nascido

117

para cuidar de plantação. Se conseguisse equilibrar-se, seria excelente auxiliar para o Sr. Juliano, no sítio, no Capão-da-Onça.

Em poucas horas de serviço, o jardim semi abandonado ganhara outro aspecto. Na hora do almoço, com a camiseta toda suada, Paulinho comentou:

- Estou me sentindo bem melhor; tenho a impressão de que estou

voltando aos meus melhores dias... O senhor poderia, Dr. Inácio, arranjar algumas mudas

de

margaridas. Nesta época do ano, elas ficam lindas; são as flores preferidas de minha mãe e também de Mariana...

- Vou providenciar, Paulinho - respondi, imaginando onde iria conseguir tempo para ir à Flora Lempp, na Rua Afonso Ratto, mas por aquele menino tudo valia a pena.

O meu paciente comeu dois pratos derramando arroz soltinho, feijão, mandioca cozida quase desmanchando, quiabo, carne de porco e polenta...

Ainda agora, mesmo

depois

de eu morto, só de me recordar do cardápio, a boca me enche d'água; por aqui, na Vida Espiritual, uma de minhas principais queixas tem sido relacionada à

alimentação

- não tem consistência; a gente coloca na boca e não acha nada para mastigar... Acredito que, no Além, os cozinheiros estejam todos desempregados!... Lembro-me

de

que, assim que cheguei, caíram na bobagem de me perguntar:

- Irmão Inácio, você está com fome?...

- Muita! - respondi, sem cerimônia.

- O que é que você gostaria de comer, do que temos aqui para servir?...

Antes que me entregassem um folheto com interminável lista de caldos reconfortantes, pedi:

- Quero um copo de vinho do Porto, uma lata de

atum de primeira, azeite português do bom, pão

tostadinho da panificadora lá perto de casa...

Sorrindo, os Amigos Espirituais que cuidavam do meu restabelecimento disseram:

- Temos suco de essência de maçã, mingau de aveia quintessenciado, flocos de germe de trigo, salada de pétalas de flores...

Não me deixando vencer pelo argumento deles, complementei:

- Ah! E depois gostaria que vocês me trouxessem um cigarro...

Definitivamente, as coisas - quase todas elas - de que eu gostava haviam ficado sobre a Terra; o jeito era me conformar... Recordei-me de certas palavras do Cristo

que havia lido nas páginas do "Novo Testamento": "O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai..."

Deixemos, no entanto, de lado estas considerações de espírito inferior, pois, ao lê-las, é possível que alguém comente:

- O Inácio não se desprende: até hoje permanece vinculado aos desejos do homem mundano. Foi espírita durante tanto tempo e não adiantou nada...

Querem saber da minha resposta a eles? Mostro

lhes a língua, como fez Einstein, debochando dos cientistas presunçosos, daqueles que esnobaram com a Teoria da Relatividade. Eu não sou Einstein, mas, apesar

de

morto, ainda tenho língua. Posso não ter outros implementos orgânicos (não pude verificar, detalhadamente, a minha anatomia), mas língua eu tenho.

À tarde, trouxe para Paulinho mudas de margaridas e alguns xaxins de violetas, para decorar as mesas ... do refeitório.

- Doravante - falei com o meu pupilo -, a responsabilidade do jardim é sua: o jardim, Paulinho, mostrará por fora como é que você está por dentro...

- Então - retrucou, revelando, pela primeira vez, algum senso de humor -, eu ainda vou ter que trabalhar muito...

Na visita que fizemos a dona Querubina, eu e dona Modesta entabulamos com a antiga benzedeira inesquecível diálogo, que, de fato, muito nos acrescentou. Embora

a

sua simplicidade, a boa senhora possuía invejável lucidez espiritual. Quando chegamos ao seu casebre, fomos encontrá-la com o pé imobilizado, descansando sobre velha poltrona que recolhera no lixão próximo à sua casa; certamente, algumas pessoas ricas dela se desfizeram, sem a preocupação de que pudesse ser útil a alguém...

- Como vai passando a irmã? - interrogou dona Modesta, descarregando as compras que lhe leváramos sobre pequena mesa da cozinha.

- Estou melhor, minha filha. A Providência Divina não nos desampara. Desde que aconteceu isto comigo, tenho observado certas mudanças no comportamento

dos

meninos...

Surgindo à porta, os dois netos quase adolescentes de dona Querubina, olhos espantados, fixaram-nos, retraídos, posicionando-se ao lado da avó.

- Cosme e Damião (nomes com que haviam sido batizados os gêmeos) agora estão sempre comigo; antes viviam na rua... Estão até aprendendo a cozinhar!

Se alguém

pensou em me fazer o mal, acabou me prestando um favor; estes dois não me obedeciam - observou a senhora, com um lenço muito alvo amarrado à cabeça.

- Um espírito que se comunicou no Sanatório, dona Querubina, disse que foi ele o autor do tombo que a senhora levou... - comentei, aguardando o que ela

haveria

de dizer.

- Nada, meu filho, nos acontece se não for pela Vontade do Pai; com certeza, fazia parte do meu carma... Lembro-me que, quando criança, eu me divertia empurrando

o meu pobre tio, irmão de minha mãe, dentro de casa. Eu sempre fui muito assediada pelos espíritos... Quem me fez o mal foi o agente da Lei... Querendo testar a sapiência da mãe-de-santo, uma mulher de maior fé que a minha, redargüi:

- Mas por onde andava Pai Jacó?...

- Não blasfeme, Doutor! - repreendeu-me, deixando-me envergonhado.

- O senhor sabe que os nossos protetores têm muito que fazer; Pai Jacó não está

o dia inteiro

ao meu lado - a proteção dele sim; eu poderia, por exemplo, ter batido com a cabeça numa pedra. Pesadona deste jeito, seria um golpe fatal, o senhor não

acha?

122

- Estou caçoando com a senhora, dona Querubina -procurei explicar-me.

- Eu sei, meu filho. Nós, os médiuns, também temos os nossos momentos de invigilância. A gente pensa muita besteira. É em momentos assim que os espíritos das trevas nos alcançam...

dona Modesta, que tudo acompanhou, reparando agora no carinho daqueles dois pirralhos com a avó doente, comentou:

- Eu também, minha irmã, na condição de médium, tenho padecido. Dias há que os espíritos me atormentam o tempo todo; clamo pela proteção do Dr. Bezerra, mas, mesmo com as preces que faço, os obsessores continuam... Dizem-me coisas horríveis aos ouvidos, tentando, inclusive, me incutir idéias de suicídio. Ninguém vai acreditar, mas é a pura verdade...

- E assim mesmo, minha filha - confirmou a benzedeira, com o evidente propósito de confortar dona Modesta. - Não ligue para isso não! Eu vejo coisas horrorosas

que eles me mostram; sou uma mulher já velha e, pasmem, até com sexo eles me provocam... Oro o tempo todo, acendo o meu cachimbo, as minhas velas e... vou lavar roupas. Ai do médium que não procura ocupar a sua mente!...

- Eu não entendo esses espíritos - aparteei. - Será que não estão conscientes da própria imortalidade e não sabem que, um dia, terão que voltar à Terra e que colherão exatamente o que plantarem?...

- Sabem, Doutor, a maioria sabe sim - respondeu a irmã que, a meu ver, nunca sequer lera um livro. - Mas não adianta a crença na reencarnação; crê que a vida

prossegue além da morte, não modifica ninguém... O que muda a gente é o Evangelho. O senhor é um homem de muita leitura e sabe, Doutor, que a crença

na reencarnação

não é coisa nova - tem gente que, mesmo depois de morta, não quer mudar; fica muito tempo marcando passo. Os exus, por exemplo. Converso com muitos deles em minha

casa; Pai Jacó fez preleção para eles, explicando com paciência o caminho do Grande Mestre, mas nada: eles não têm capacidade mental de assimilação; são crianças

- agem por instinto, por egoísmo, não acreditam na gente...

Preocupada, dona Querubina, quebrando a seqüência do assunto que me interessava, disse, tentando se movimentar na poltrona:

- Preciso fazer um café para vocês; eu estava hoje sem açúcar, mas vi que vocês trouxeram...

- Não se preocupe, minha irmã - adiantou-se dona Modesta. - Está quase na hora do almoço e não podemos demorar; o movimento em minha casa também tem sido intenso...

- Deus dê forças à senhora - abençoou a ialorixá, erguendo os braços para o alto. Eu sei que a senhora lida com muita gente perturbada; o Doutor lida com

os que estão trancados, mas a senhora lida com os que estão soltos - e eles são mais numerosos!... Tem vindo gente aqui que vocês nem acreditam - gente da sociedade, gente de muito dinheiro, me pedindo cada coisa!... Ninguém quer nada com a caridade - quer apenas se livrar dos maus fluidos, conquistar um homem ou uma mulher, ser bem sucedido nos negócios... Trabalho sujo eu não faço. Se fizesse, estaria melhor de vida; o que laço é incorporar os meus guias e dar conselhos a esse povo...

E, virando-se para mim, percebendo que eu já havia consultado o relógio de bolso, preocupado com as tarefas à minha espera, insistiu:  
- Pois é, Doutor, não vamos descreer dos nossos amigos do Invisível; se o Pai consentiu que Jesus Cristo fosse morto na cruz, não me permitiria um simples tombo?!...

Cosme e Damião vão ficar uns bons dias à minha volta - tempo suficiente para que eles aprendam alguma coisa. Da escola, virão direto para casa, pois, conforme vocês estão vendo, eu não posso fazer nada. Eles terão que cozinhar, lavar, passar, varrer o terreiro... Antes de a roseira se crivar de espinhos, as rosas não aparecem...

Despedimo-nos. Deixando dona Modesta em sua casa, almocei e tomei o caminho do Sanatório, refletindo nas palavras que dona Querubina nos dissera.

#### 24 - ORAÇÃO E EVANGELHO

Enquanto subia para o Sanatório, ia pensando quase que falando:

- Sem dúvida, se o homem não aceitar o Evangelho, o conhecimento da reencarnação pouco lhe acrescentará ao espírito. Conhecer a Verdade não basta;

torna-se indispensável

o conhecimento do Amor... Aquela legião de inquisidores desencarnados que, ultimamente, vinha povoando o Sanatório deixava bem claro que, sem a aceitação

plena de

Jesus, ninguém se modifica - o tempo passa por fora, faz a sua obra externamente, mas interiormente tudo permanece na mesma. E o pior é que aqueles espíritos

se consideravam

certos; para eles, o que fizeram e o que continuam fazendo eram testemunhos de fé... Como convencê-los do contrário? Será que, no Plano Espiritual, não

existiria

uma espécie de cirurgia capaz de interferir na disposição íntima do ser, econo-mizando-lhe séculos de sofrimentos?...

Refletindo nestes assuntos, não vi quando estacionei o carro e, antes de adentrar o Consultório, fui abordado por um casal de Franca, trazendo uma senhora em

sua

companhia:

- Doutor - disseram-me, ansiosos por se livrarem da mulher, que me parecia alheia ao propósito daqueles dois -, estamos vindo de Franca, trazendo esta nossa



tia; queremos deixá-la aqui...

- Mas qual é o problema? - interroguei, pronto para lhes dar uma lição. Eu me indignava, todas as vezes que surpreendia familiares querendo se livrar da presença de seus entes queridos daquela forma...

- Ela está louca... Aqui é hospital de loucos, não é? - indagou, com maior demência, o rapaz impaciente.

- Aqui é uma casa de saúde mental - respondi, tentando adiar ao máximo possível o meu estouro.

- Nós pagamos - foi a vez da mulher, exibindo valiosas jóias: anéis e colares de ouro, cravejados de brilhante. - Esta minha tia, irmã de minha mãe, está

nos atrapalhando a vida; mamãe morreu faz quinze dias e nós não podemos assumi-la...

- Mas aqui não é hotel - observei, penalizado com a situação da mulher, que, contrastando com a sobrinha, não tinha sequer um brinco na orelha.

- Eu tomo

conta de um hospital; os doentes não vêm aqui para morar... Não temos esta responsabilidade.

- Vocês não são espíritas, seguidores de Chico Xavier? - questionou, com ironia, o jovem, de seus trinta e poucos de idade, que, em outros tempos, eu teria

agarrado pelos fundilhos e jogado no meio da rua.

Aquela indagação, no entanto, me fora a gota d'água. Com certeza, não esperando aquela minha reação na frente de pequena multidão de curiosos, arregalaram os olhos,

ouvindo-me dizer:

- Escutem aqui, vocês vieram de Franca para nos ofender em Uberaba? Ora, tenham a santa paciência!... Vocês dois é que estão precisando ficar presos aqui.

Onde é

que já se viu isto, querendo se desfazer da tia de vocês deste jeito?! Se nós a internarmos, vocês nunca mais aparecerão. Estou cansado de lidar com gente

da laia

de vocês dois... Tenho pena dela, mas não é compromisso espiritual nosso. Certamente, vocês estão querendo desfrutar da herança sozinhos, não é?

Eu denuncio vocês.

Sou espírita, mas não sou bobo. Dinheiro aqui não compra ninguém. Se ela fosse uma indigente, eu a receberia: temos muitos aqui comendo e bebendo às custas

do Sanatório...

Por favor, ponham-se daqui para fora - disse-lhes, transfigurado.

Juro-lhes que, ao acabar de arrasar com aqueles dois, no exercício da caridade da franqueza, vi aquela senhora demente sorrir...

O atrevido casal, supondo-me, e com razão, mais louco que os meus loucos, nada responderam. Eu nem esperei que entrassem no carro: fui para dentro e continuei

discursando

a tarde inteira. Foi uma terapia excelente! Todo o mundo trabalhou direitinho, os doentes

não aborreceram e os espíritos das trevas, com certeza, foram para o porão, que é mesmo o lugar de fantasma que se preza...

Algumas vezes, eu era forçado a tais reações. Absolutamente, não tolerava que alguém evocasse a minha condição de espírita para me fazer de bobo; me sentia, como

até hoje me sinto, muito honrado de ser espírita, mas não viessem, comigo, fazer qualquer referência ao Espiritismo apenas quando lhes fosse interessante.

Os espíritas

sempre fomos apontados como criaturas caridosas, tolerantes, mas aqueles mesmos que nos admiram o trabalho assistencial não se dispõem a abraçar a causa que abraçamos;

é-lhes mais cômodo para a consciência continuarem como estão...

Quando o expediente estava quase encerrado, mais calmo, fui até ao jardim conversar um pouco com o meu mais novo auxiliar de jardinagem.

- Como é, Paulinho? - indaguei, sentando-me num banco de pedra. - Está tudo bem com você?

- Estou me sentindo melhor, Doutor - respondeu o jovem, que, aos poucos, me cativava. Aqueles sonhos ruins estão se espaçando; eu sonhava muito com fogo,

gente chorando, morrendo na fogueira... Estou mais tranqüilo. O senhor é que parece estar nervoso hoje, não é?

- Ah, você escutou os meus berros, Paulinho? - perguntei, sorrindo com espontaneidade.

- Escutei, Doutor; não houve quem não escutasse...

- Pois é, rapaz, a coisa é feia... Você acha que eu estou errado?

- questionei, interessado em ouvir uma opinião diferente em torno daquele meu comportamento

da tarde.

- Não está não, Doutor! Eu teria feito o mesmo... Alguém precisava ter dito a verdade a eles. Eu, que não vou ficar aqui para sempre, fico imaginando

a situação

de quem é abandonado pela família num hospital como este. Vocês aqui tratam a gente bem, mas não deixa de ser uma prisão, não é? - comentou o jovem,

enquanto amarrava

a boca de um saco de lixo.

- É uma prisão, meu filho, da qual logo, com a graça de Deus, você haverá de ter alta, mas, quanto a mim...

Paulinho me olhou com os seus olhos redondos e expressão significativa.

Ele estendera as reticências: eu passaria a vida toda dentro do

Sanatório, à feição

de um

interno com a liberdade de ir e vir - de um interno com diploma de médico, curando feridas alheias, na ânsia de curar as suas próprias.

Estava anoitecendo. No outro dia, eu deveria retribuir a Chico Xavier a visita que ele me houvera feito. Quando cheguei à antiga sede da

"Comunhão Espírita--Cristã",

na Rua Prof. Eurípedes Barsanulfo, no Parque das Américas, a reunião estava prestes a começar.

Quando Chico me avistou no meio da verdadeira multidão que o procurava, fez-me fraterno aceno de mão, pedindo que me aproximasse. Feliz, por uma de minhas raras

aparições em sua casa de trabalho, convidou-me para tomar lugar à mesa e me apresentou a diversos amigos provindos de diversas partes do Brasil.

Aquela época,

o

médium Waldo Vieira ainda trabalhava em sua companhia; eu me recordava bem dele, desde os tempos das inesquecíveis reuniões da "União da Mocidade Espírita"...

Depois de ter permanecido em transe por mais de duas horas, atendendo o serviço do receituário homeo-I lático, Chico voltou para o salão onde o público se aglomerava e psicografou por quase mais duas horas, rece-bendo diversas mensagens endereçadas aos presentes. Para minha surpresa e alegria, havia, da parte do Dr.

Bezerra de Menezes, o célebre autor de "A Loucura sob Novo Prisma", um pequeno recado para mim.

"Inácio, meu filho - escreveu o Dr. Bezerra, pacificando os meus anseios d'alma-, prossiga em seu abençoado apostolado junto aos nossos irmãos vítimas dos terríveis

dramas do passado - dramas que eles próprios engendraram, através do seu distanciamento deliberado dos alvitres da consciência - o reduto sublime de onde Deus

nos

exorta ao Bem e à Verdade. Não se permita esmorecer na tarefa e nem alimente receios infundados, ante o ataque sistemático das Trevas. Das Esferas Superiores, incontáveis

falanges comprometidas com o Evangelho permanecem atentas para que não lhe falte a inspiração do melhor, seja em suas atividades à frente do hospital ou

em seus

múltiplos setores de trabalho doutrinário. Esqueçamos a polêmica com os nossos irmãos da Igreja, concentrando-nos agora no esforço do esclarecimento

dos adeptos

da Terceira Revelação; a Doutrina carece contar com o concurso de colaboradores conscientes, de modo que os nossos princípios não sejam adulterados em sua aplicação...

Assim como passou o tempo das mesas girantes, o tempo das discussões mais acirradas com aqueles que não pensam conforme pensamos está ficando para trás.

Preparemos

o mundo da Nova Era, cuidando, com maior empenho, da renovação de nós mesmos. O seu tempo, meu filho, é precioso demais para que as suas energias continuem sendo

consumidas por aqueles que não desejam enxergar a Luz... Compreendemos o seu idealismo e endossamos o

posicionamento em defesa da Doutrina, todavia precisamos contar com o seu determinismo e boa vontade junto àqueles que anseiam por emancipar-se do próprio passado

de sombras, caminhando, nas pegadas do Cristo, em direção ao porvir.

Convictos de que você nos entenderá o apelo, deixo-lhe, em meu nome e em nome daqueles

irmãos

de ideal que, além das dimensões estreitas da matéria, mourejam nos céus do Triângulo Mineiro a serviço de Jesus, nas bênçãos do Espiritismo. O companheiro paternal, que o abraça..."

Discretas e silenciosas lágrimas me escorreram dos olhos, pelos sulcos das faces marcadas pela intensa refrega daqueles anos todos... Eu entendera a mensagem "Io

Dr. Bezerra. De fato, já era tempo de uma desvinculação mental daquela polêmica de décadas - polêmica valiosa com a qual, tantas vezes, dormira e acordara.

Decidi, ali mesmo, encerrar a fase dos meus artigos contundentes nas páginas de "A Flama Espírita" e • Ilidar das tarefas do Sanatório e do Lar Espírita,

o que,

convenhamos, já era muito.

Quando o salão da "Comunhão Espírita-Cristã" Elcou mais vazio, quase meia-noite, pude trocar algumas palavras com o Chico, agradecendo-lhe pela mensagem

que o Plano

Espiritual me endereçara.

- Dr. Inácio - disse-me então -, o senhor tem feito muito pela Doutrina; como médico espírita, o seu trabalho é reconhecido, inclusive, no Exterior. "Novos

Rumos

à Medicina" e "A Psiquiatria em Face da Reencarnação" são obras-primas da nossa literatura... O Dr.

Bezerra tem razão: precisamos mesmo cuidar de melhor organizar as nossas atividades; a Doutrina tem crescido muito e não estamos preparados...

- Chico - questionei, preocupado -, mas como lidar com os espíritos obsessores dos padres que não nos dão trégua?... Você esteve lá tempos atrás

e pôde ver...

- Não se preocupe. Emmanuel me disse que a maioria será encaminhada a uma nova existência na Terra,, inclusive o de nome Tomás, que, desde os tempos

de Eurípedes,

em Sacramento, lidera extensa legião de inquisidores desencarnados... -

respondeu, deixando-me estupefato, pois, afinal, como é que ele poderia saber da identidade

do obsessor que vinha atormentando aquela família de Rufinópolis?...

Notando o meu silêncio, o médium esclareceu:

- Não comentei nada com o senhor, mas pude vê-lo quando de minha visita ao Sanatório; sei das ligações dele com o rapaz que permanece internado

no Sanatório.

Sem consciência do fato, ele está sendo preparado para reencarnar - o que acontecerá mais breve do que pensa.

- Chico - redargüi, lembrando trecho do diálogo do espírito obsessor quando da visita do médium ao Sanatório -, tenho a impressão de que ele também

o reconheceu...

Ele chamou você de francês...

Olhando-me significativamente, Chico desconversou:

- Muitos vivemos na França, Doutor: eu, o senhor, nossa irmã dona Maria Modesto...

E, sorrindo, concluiu, arriscando dizer:

- No Espiritismo, quem não foi padre ou freira foi francês...

Agradecendo-lhe uma vez mais a deferência com que fora tratado, consultei o relógio e disse que precisava me recolher; no outro dia bem cedo, como sempre, eu

precisava

estar a postos no Sanatório, sem ter sábado, domingo ou feriado... Assim que coloquei os pés fora da "Comunhão", acendi um cigarro e olhei para o céu estrelado, respirando a brisa noturna com cheiro de mato. Entre uma baforada e outra, voltei para casa, deixando que o carro deslizesse suavemente pelas ruas desertas de Uberaba. Daquele dia em diante, estaria pessoalmente com Chico pouquíssimas vezes; o seu trabalho crescente atraía um número cada vez maior de admiradores e adeptos da Doutrina... Guardei comigo as páginas que o Dr. Bezerra me enviara naquela noite, sem, contudo, dar-lhes divulgação; alguma vez ou outra, as relia, e tanto as reli, que acabei por memorizá-las, palavra por palavra... Depois de alguns anos, quando as procurei para mostrar a um amigo, estavam completamente destruídas - em parte, comidas pelas traças e, em parte, úmidas pelo bolor oriundo da urina dos gatos, que tinham escolhido por ninho a minha coleção encadernada de "A Flama Espírita" -justamente onde eu guardara a mensagem que o Chico psicografara. Naquele dia, de manhã, quando cheguei ao Sanatório, recebi a desagradável notícia: Paulinho tivera forte crise à noite. Acordando assustado, começou a correr pelo pavilhão, incomodando os demais internos. Segundo Manoel Roberto, o rapaz ficara tão agitado, que não parecia ser o mesmo - o jardineiro que naqueles dois meses de trabalho dera vida ao jardim, melhorando consideravelmente o seu visual. Do quarto em que passara a residir, tivera que, novamente, ser transferido para um dos aposentos do porão, permanecendo isolado. Quando os internos do Sanatório entravam em crise, por vezes tornavam-se perigosos; tivéramos, anteriormente, experiências desagradáveis neste sentido... Assim que cuidei de algumas coisas inadiáveis, desci na companhia do diligente enfermeiro para uma visita ao Paulinho, que estava mais calmo, embora de olhos vidrados, como se tivesse tomado alguma droga.

- Como é, meu filho? - perguntei, na tentativa de amenizar a situação. - Que foi que aconteceu? Quando me viu, Paulinho me segurou a mão e começou a chorar convulsivamente.

- Eu não sei, Doutor, não sei... - disse, por fim.

- Estava cansado do trabalho do dia e, depois de ouvir, pelo rádio, o primeiro tempo de uma partida de futebol, fui dormir. Assim que peguei no sono, comecei a sonhar. Aquele homem novamente!... Aquele homem que diz ser o meu verdadeiro pai... Eu o via em cima de uma carroça, puxada por dois cavalos negros, erguendo um crucifixo em uma das mãos... Ele me falou que está chegando a hora, que vai me levar consigo, que sou a única pessoa de quem ele verdadeiramente gosta. Pelo jeito, esse homem tem ódio mortal de minha mãe... Eu estou com medo, Doutor - ele parece ter domínio sobre mim;

quando fito os seus olhos, não consigo resistir; tenho a impressão de que sou hipnotizado... Sinto, no entanto, que ele não quer me fazer mal, mas eu não quero ir na sua companhia... Por favor, ajude-me, Doutor! Estou me sentindo tremer por dentro; não consigo controlar as minhas reações...

De fato, Paulinho estava muito alterado. Evitei, ao máximo, prescrever-lhe qualquer medicamento mais agressivo à consciência, mas, em o observando caminhar

de um

lado para o outro, enquanto conversávamos, esmurrando a parede sucessivas vezes, pedi a Manoel Roberto que lhe aplicasse um injetável. A experiência ensinara

que

a química de certos medicamentos, atuando

no quimismo cerebral, isolava a mente da mente dos obsessores, como que lhes bloqueando a sintonia; era uma maneira de lhes fechar a porta do psiquismo...

- Não se preocupe, Paulinho - dialoguei com o jovem, que, após ser medicado, entraria em profunda sonolência por várias horas. - Você há de ficar bom. Não há melhora substancial sem o concurso do tempo. Você já progrediu muito; tenhamos um pouco mais de paciência...

O paciente afeiçoara-se tanto a mim e eu a ele, que a minha simples presença o tranqüilizava. Deixando-o mais calmo e medicado, subi e encontrei em meu consultório dona Modesta.

- Inácio - foi logo dizendo, assim que me acomodei na cadeira giratória -, não dormi esta noite; tive pesadelos estranhos... Aquele espírito, a noite inteira pude vê-lo em meu quarto...

Sem dúvida, o homem da carroça estava atuando outra vez; depois de pequena trégua, recomeçara... Os espíritos obsessores não desistiam facilmente. Naquele

momento,

dei graças a Deus por ser destituído de qualquer sensibilidade mediúnica: eu dormira a noite toda...

- Ele me fez ameaças - continuou a médium -; disse que, caso eu não me afaste do seu caminho, haverei de me haver com ele; citou o seu nome diversas vezes, afirmando que vai levá-lo à fogueira... Terrível, Inácio, terrível!... Estou trêmula por dentro.

Eu nunca levava as coisas muito a sério, pelo menos aparentemente, não. Aquele espírito estava começando a atuar no Sanatório e, de certa forma, eu precisava ignorá-lo.

Quanto mais a gente presta atenção no obsessor, maior a facilidade com que ele se nos fixa à mente. Comigo, aquela tática não funcionaria. Eu tinha outros

pacientes com os quais me preocupar, a despesa do Sanatório para manter cheia, os funcionários para controlar... Aquele espírito obsessor não controlaria o meu tempo.

Em

silêncio, implorei o auxílio do Alto, evocando mentalmente as figuras de Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Eurípedes Barsanulfo e...

Pai Jacó.

- Modesta - argumentei com a querida medianeira, a cujo devotamento à causa do Espiritismo em Uberaba tanto devia -, o nosso menino experimentou o mesmo fenômeno

esta noite; está lá no porão - tive que medicá-lo... Sem dúvida, trata-se do mesmo espírito - o homem da carroça.

- Inácio, você não faz idéia! Ele me exibiu os seus órgãos genitais; ouvi gargalhadas ecoando dentro do quarto; senti cheiro de carne queimada...

Ele está tentando nos intimidar.

Acendendo um dos meus cigarros de palha, comentei, ainda na tentativa de não dar maior importância ao assunto, com evidente generalização injusta:

- Padre fora do corpo realmente é um demônio!...

Na minha opinião - vaticinei -, esse tal homem da carroça está pressentindo alguma coisa; isso é desespero de causa... Quando pressentem a reencarnação, os espíritos ficam agitados... Vamos manter a vigilância, Modesta.

Conversamos mais um pouco e, um tanto mais refeita, a médium se retirou. Além da tarefa no Sanatório, dona Modesta se desdobrava atendendo a inúmeras pessoas

que

a procuravam em sua casa - eram conselhos, passes, receituário; isto tudo sem mencionar a instituição das meninas - o Lar Espírita -, que igualmente havia

sido idealizado

por ela e construído através do esforço e recursos de diversos companheiros e companheiras de ideal.

Na terça-feira, à tarde, chegara a notícia: no Capão--da-Onça, dona Maria das Dores, mãe de Paulinho, tentara o suicídio, ateando fogo às vestes!

Felizmente, estando

por perto, o Sr. Juliano conseguira salvá-la, apesar de queimaduras superficiais nos braços e no tórax.

A situação estava complicada; aquele espírito tinha terrível poder de atuação... Quando pensei na nossa próxima reunião de quarta-feira, fiquei receoso.

Chamando

Manoel Roberto, orientei:

- Tire tudo da sala, inclusive vasos e copos de beber água... Só deixe a mesa e as cadeiras; assim mesmo, não quero nenhuma cadeira sobrando. E vamos ficar atentos.

Vou pedir a você que, em especial, nesta quarta-feira, você se posicione, de pé, atrás da Modesta.

dona Modesta, em uma reunião anterior, havia nos aconselhado imobilizá-la na cadeira, todavia eu era particularmente contra semelhante medida.

Confesso-lhes,

porém,

que me arrependi de não ter seguido essa sua orientação.

Quando a reunião começou, entrando em transe imediato, o espírito dardejou pelos lábios de nossa irmã, praticamente transfigurada:

- Vocês estão querendo saber quem eu sou, não é? Pois bem, tremam! Eu sou o verdadeiro Tomás de Torquemada, o Inquisidor Geral da Espanha, nomeado pelo

Papa! Não

vou mais fazer rodeios... Hereges, há muito tempo vocês estão me desafiando! Eu os pulverizarei... Antes, foi aquele de Sacramento.

Imaginou que pudesse

comigo; ele tentou de todas as formas, vindo, inclusive, mais tarde, pessoalmente ao meu encontro...

Tenho andado por muitos lugares, entretanto são muitos os que usam indevidamente o meu nome. Ninguém mandou mais gente para a fogueira do que eu! Dizem os historiadores que foram 10.220!... Todos mereciam morrer, lentamente. Ousavam desafiar a autoridade da Santa Madre Igreja; como vocês estão fazendo agora... Preciso, no entanto, de cuidar de um caso pessoal. Não deu certo: aquela megera não morreu ainda... Dou-lhes um ultimato: libertem o meu filho! Eu preciso das mãos dele para esganá-la!...

Quando o espírito revelou a sua verdadeira identidade, não me surpreendi tanto: pelas minhas análises, estava faltando só mesmo que ele se declarasse. Eu

conhecia

a História da Inquisição. Em minha biblioteca tinha diversos volumes que compulsava, com frequência, sobre o assunto, buscando material informativo, para polemizar na imprensa.

- Torquemada é apenas um nome... - falei, erguendo a voz, para que o espírito me deixasse dizer alguma coisa. - Vocês não tem mais autoridade alguma; esqueça

- continuei.

- Você já morreu... Sabe quanto tempo faz?! Séculos... Você está doente, precisando de tratamento... Foi localizado nesta casa pela Misericórdia Divina,

para se

tratar. Encare a realidade. Não estou faltando com o respeito a você, mas esqueça o que você já não é mais... Você pronuncia o seu próprio nome como se estivesse

pronunciando o nome de Deus! Eu vou dizer a você o que precisa ouvir.

Infelizmente, meu irmão, ou felizmente, você caiu nas mãos de alguém que desconsidera

totalmente

os seus títulos...

O homem da carroça, enfurecido, me deu um tapa no rosto. De inesperado, a médium levantara a mão e, surpreendendo, em seus rápidos movimentos, a Manoel Roberto, me esbofeteara.

Rindo estentoricamente, falou com manifesta alienação furiosa:

- Comigo, a sua tática não vira nada! Eu aprendi a conhecê-lo: durante meses, eu o segui por estes corredores! Você é um fanfarrão!...

- A sua tática - repliquei - é que comigo não adianta. Você vai reencarnar, queira ou não queira... Melhor para você, se quisesse. Você esta

caindo na sua

própria armadilha; e o melhor é que não sabe o que fazer para se libertar... Para todo o mundo, chega a hora...

O espírito fechou, então, a mão da médium para me esmurrar e foi detido por Manoel Roberto, que lhe aparou o soco no ar...

- Largue-me! Largue-me! - vociferou, me cuspiando no rosto. - Seu safado... Eu sei quem você é! Você abusa sexualmente das doentes neste Sanatório

-das doentes

e dos doentes... Tentou me desmoralizar diante dos companheiros, enquanto me rotulava de palavras que me permito omitir aqui.



- Não adianta: você não vai conseguir - redargüi, continuando. -  
Eu não sou um padre; sou um médico e sou espírita - toco nos meus  
pacientes  
com a reverência  
com que um pai toca no corpo de seu próprio filho...  
aqui não é um mosteiro. Você está me acusando do que você, sim, fazia -  
lembra-se?!...  
O espírito tapou os ouvidos com as mãos da médium...  
- É mentira! Mentira!... - reagiu, como alguém que tivesse caído num  
blefe. - Eram devotas e devo-los...  
- Eram orgias nos calabouços - prossegui, ten tando fragilizá-lo,  
para, em seguida, incrementar o meu  
discurso -, orgias regada a vinho... Quantos pais de família você mandou  
para a fogueira, porque não lhe quiseram ceder as filhas aos seus  
instintos bestiais  
- aosseus  
e aos de seus sequazes?... Quantos?! Em nome do Cristo?!... - gritei,  
indignado, como se aqueles quadros  
se projetassem à minha frente.  
- Pare de me tratar por você... - argumentou, tal  
vez, querendo desviar o rumo da conversa. - Chame-  
me pelo meu nome: Tomás de Torquemada! Na  
Espanha, não havia quem não tremesse ao ouvir o meu nome ser  
pronunciado...  
- O homem da carroça, meu irmão - simplesmente, o homem da  
carroça! O mensageiro da morte, o  
anjo negro do Apocalipse... Esqueça a sua identidade!  
Liberte-se do passado! Um novo corpo o espera na Terra...  
- Nunca! Esquecer o que fui, jamais!... Ninguém  
respeita quem não tem autoridade. Ainda não terminei; fogueiras não se  
apagaram... Faltam vocês, que fugiram para cá, não é?  
- Você é filho de Deus, meu irmão... Estamos juntos nesta  
empreitada. Representamos a sua única esperança... Aqui estamos cuidando  
daquele que foi  
seu filho,  
mas já não é; os pais dele, hoje, chamam-se Juliano e Maria das Dores...  
- Não fale no nome daquela miserável, daquela prostituta  
barata!... - disse, com a médium se contorcendo na cadeira, tendo as  
mãos de Manoel Roberto  
lhe  
impedindo reações mais bruscas. - Eu tentei, quase consegui... Ela está  
lá, sentindo na pele um pouco do que me fez sentir na alma... Não  
descansarei enquanto  
não  
a vir ardendo em chamas...  
Súbito, acudiu-me uma idéia à mente e arrisquei:  
- Paulinho é mesmo seu filho?...  
Com um lamento indescritível, o espírito obsessivo se afastou, sem mais  
uma única palavra; eu tocara em seu ponto nevrálgico. Com certeza, os  
Espíritos  
Amigos me  
havia assistido na argumentação.  
Naquela noite, eu e Manoel Roberto ficáramos preocupados com dona  
Modesta. Extremamente cansada e transpirando muito, pela primeira vez - e  
acredito que a única,  
antes de ir para casa, auxiliada por uma das enfermeiras do plantão  
noturno, nossa irmã pediu, após a reunião, para tomar uma chuveirada.

Chegando em casa, mais uma vez compulsei alguns volumes de minha biblioteca, tentando algo localizar sobre a figura do ex-inquisidor. Torquemada frade dominicano espanhol, havia nascido em 1420, tendo deixado o corpo em 1498, vivendo na Terra uma existência de quase 80 anos. Segundo as deduções que efetuava, seu espírito, por mais ou menos 462 anos, permanecia no Espaço, resistindo à bênção da reencarnação. Era, sem dúvida, um dos líderes das falanges do Mal, sendo que a sua atuação espiritual no Triângulo Mineiro é conhecida desde os tempos de Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento...

Como é que um espírito pôde encastelar-se na ignorância por tanto tempo? - questionava no silêncio de minhas reflexões, lamentando os seus equívocos.

- Quanto se enganam os que imaginam que, no Plano Espiritual, tudo se aclara de repente e o espírito, sem mais perda de tempo, se converte à Verdade!... Com certeza, espíritos existem que, permanecendo à margem da Lei, à qual se opõe, habitam desérticas regiões da Erraticidade - espíritos para os quais o tempo parece ter parado. Mentalmente, Torquemada ainda estava vivendo no século XV, aglutinando consigo os espíritos que dominava com o seu incrível poder de persuasão. Por mais que tentasse, eu não conseguia entender aquela situação, que, em alguns casos, talvez se pudesse arrastar por tempo ainda mais longo. É possível que algumas entidades cristalizadas no mal com certeza não reencarnassem por cerca de mil anos...

Meditando no que os nossos Benfeitores Espirituais chamavam de reencarnação compulsiva, conclui que, de fato, certos espíritos necessitavam, em seu próprio benefício, de semelhante medida.

No outro dia, dona Modesta, vindo de uma de suas visitas ao Lar Espírita, passou pelo Sanatório e pudemos conversar, um pouco mais tranquilos.

- Inácio - disse-me ela -, ontem, a sessão foi muito difícil para mim... Estou sem jeito, mas gostaria de lhe perguntar: por acaso, quando em estado de transe, eu lhe dei um tapa no rosto?...

- Ora, Modesta! - respondi -, não vamos nos preocupar com este detalhe. O espírito que você recebeu nos pegou de surpresa - a mim, a você e ao Manoel Roberto...

Não foi nada. Isso acontece. Sei de doutrinadores que apanharam a valer de espíritos. Adelino de Carvalho e Joaquim Cassiano, segundo me contou este último, certa vez, levaram uma surra de espíritos que foram chamados a doutrinar numa fazenda próxima; a médium de efeitos físicos era uma empregadinha da casa uma menina dos seus dezesseis de idade... Quando ambos entraram na residência, foram lançados ao chão e podia-se ouvir o chicote sobre eles...

- Eu já ouvi esta história, Inácio, e pediria a você que me desculpasse; tenho incorporado diversos espíritos, mas ainda nenhum como este. Em certos lances da incorporação, ele me deixa totalmente inconsciente. Você sabe que, na maioria das vezes, funciono como médium consciente ou semiconsciente. Nunca experimentei um transe em níveis tão profundos... Ontem, à noite, enquanto tomava banho, como se quisesse me livrar daqueles fluidos que me impregnavam o corpo, ao sentir que a minha mão esquerda doía, passou-me pela cabeça a idéia de que, por meu intermédio, aquela entidade o agredira...

- Foi um tapa muito bem dado, Modesta... - brinquei, procurando descontraír. - Foi um autêntico pé--do-ouvido... Jesus também apanhou, não apanhou?

Eu não

sou o Cristo... O obsessor teve sorte, pois, não fosse o médium você, eu teria revidado. Ele foi covarde, me batendo com a mão de uma dama... Se o médium

fosse o

Manoel Roberto, por exemplo, teriam apanhado os dois - o espírito e o médium... Pode crer!

Tendo conseguido o meu intento, que era o de fazer sorrir dona Modesta, entramos a falar sobre mediunidade - um dos temas que sempre mais me cativaram no Espiritismo.

- Eu fico imaginando, Modesta, o que haveria de ser destes espíritos, caso não pudessem entrar em contato conosco, os encarnados... Como se daria o esclarecimento deles no Mundo Espiritual?

- O assunto é complexo, Inácio. Você veja: há pouco tempo, estando em casa orando, apareceu-me o espírito Eurípedes Barsanulfo. Preocupada com

a situação

que estamos vivenciando no Sanatório, perguntei a ele o motivo pelo qual as entidades renitentes não eram esclarecidas no Além... Ele me respondeu, afirmando

que

não é por falta de empenho dos nossos Maiores que isto não acontece; segundo Eurípedes, o problema é falta de receptividade psíquica: essas entidades deixaram o

corpo, mas continuam vivendo nos subterrâneos da Vida. Ele até me citou o caso do espírito profeta Samuel, que, segundo a Bíblia, subiu para conversar com

Saul,

através da faculdade mediúnica de uma pitonisa... Ora, se Samuel subiu, é porque o seu espírito, apesar de ter sido um dos profetas mais célebres da Antigüidade, estava recolhido no interior da Crosta...

- Relendo, dias atrás, "Nosso Lar" - comentei -, de André Luiz, ocorreu-me que a referida cidade espiritual é a pioneira nos céus do Brasil: enquanto

os homens

colonizavam aqui embaixo, os portugueses desencarnados colonizavam lá em cima... Onde então, por exemplo, ficavam ou viviam os espíritos desencarnados

os bandeirantes, os índios, os jesuítas, os invasores?... Com certeza, não se ausentavam das matas, ou seja, da periferia da crosta planetária. Viviam no que Allan Kardec chama de Erraticidade, não é?

- É isto, Inácio; o Mundo Espiritual, nas dimensões próximas a nós, ainda está sendo civilizado... Jesus orou a Deus pedindo trabalhadores para a seara; os nossos Benfeitores têm-se desdobrado, mas são pouco numerosos - e, dentre aqueles de boa vontade, raros os que detêm algum poder espiritual... Nós, os médiuns, somos as picadas que esses bandeirantes do espírito estão abrindo na selva da ignorância humana. Na mediunidade, ainda não temos estradas amplas e pavimentadas: temos sendas estreitas e trilhas escorregadias...

152

#### 29 - CONTINUANDO ACONVERSA

Aquele, para mim, estava sendo um dos diálogos mais importantes que já me fora possível entabular com dona Modesta; a sua experiência de médium era notável

-pena

que, apesar de minhas insistências, ela nunca se animara a transportar para o papel as suas impressões.

- Às vezes, Inácio, os espíritos me dizem muitas coisas que, nos livros, deixam de estar claras.

- E você acha que, agora, Torquemada aceitará reencarnar?...

- Eu senti que ele está com medo; apesar de ter saído do transe, o seu espírito, por mecanismos que não explico, permanece vinculado ao meu... O que

ele disse

na reunião da última quarta-feira foi muito menos do que os pensamentos que deixou comigo - pensamentos e sensações. A Espiritualidade Superior está empenhada

em

auxiliá-lo. Ele não tem mais a força que imagina sentindo-o fragilizado, os seus próprios comandados, que antes lhe obedeciam cegamente, agora estão se amotinando; Torquemada esta ficando isolado...

- Tenho a impressão, Modesta, que Paulinho não é filho dele... - disse, guardando a nítida sensação de que, através dos ouvidos da médium, o ex-inquisidor me escutava.

- Eu tenho certeza de que não - observou a médium, ampliando comentários. - Atrás do espírito violento que era, desconfio que se ocultava um homem

que conseguia

satisfazer a mulher que amava; todavia, no pegar aquela criança nos braços (e todo ser, por mais abjeto e vil, têm os seus instantes de lucidez e emotividade),

o

seu coração bateu de forma diferente. Aquele menino foi e, até hoje, continua sendo o objeto de suas nfeições, a sua tábua de salvação espiritual...

Vejamos Como

Deus é sábio!

- Então, Torquemada tem pensado numa maior aproximação com o rapaz?...

- Sim - respondeu a médium -, só que, ao meu Ver, ele gostaria de ter o menino em sua companhia no outro Lado da Vida, mas não tem coragem de fazer-lhe

Ele

tem tentado de tudo, mas, a cada dia que passa, se aproxima de um novo berço sobre a Terra - berço que, diga-se de passagem, só Deus sabe como será. A ••na

mente,

profundamente enferma, há de interferir na formação de seu corpo físico. Você acredita que ele possa reencarnar com deficiências? Mas, então, como poderemos convencê-lo a tanto?... Um espírito como ele não aceitará nunca...

- Falemos baixo, Inácio, a respeito do assunto -advertiu-me dona Modesta. - Precisamos ter pena dos espíritos enjeitados, dos órfãos, dos que renascem com

problemas de idiotia, dos que exibem tumores no corpo recém-nato, dos que não andam e não falam... Estão sendo tratados, através da bênção do esquecimento temporário.

Esquecer o que fomos e o que fizemos justifica qualquer existência no corpo de carne, por mais breve seja; a anestesia que recebemos na memória, quando mergulhamos

no processo reencarnatório, é decisivo passo para a nossa redenção... Muita gente questiona o que valerá a existência de uma criança que não vive

mais do que algumas

horas nos braços da mãe... E uma visão estreita destas pessoas; tais existências, do ponto de vista físico, são um verdadeiro malogro, mas, do ponto

de vista espiritual,

são abençoada providência - o choque biológico para o espírito o induz a olvidar-se...

- Torquemada ainda não esqueceu que foi Tor-quemada... - comentei, compreendendo o alcance das explicações da esclarecida colaboradora.

- Infelizmente, ainda não; se conseguirmos auxiliá-lo em sua indispensável volta ao corpo, receberá outro nome, falará outra língua... E, num rasgo de inspiração, aduziu:

- Ainda que não consiga viver muitos dias; ainda que não possa ter plena consciência do que o rodeia...

- Se não aproveitar a oportunidade que, segundo me parece, está sendo esquematizada pela Espiritualidade, poderá ficar mais quatrocentos e tantos anos assim... - redargüi, pesaroso.

- Só Deus sabe, Inácio. Embora a fragilidade de poder que pude sentir em seu espírito, Torquemada ainda é seguido por uma verdadeira legião - espíritos

de

ex-inquisidores e outros desocupados do Além, espíritos ociosos que não possuem a menor intimidade com o Bem... Sem a presença do chefe, o grupo, que já

foi muito

mais numeroso, haverá de se desfazer; será, então, o momento de uma ação mais efetiva dos nossos Benfei-tores. Preparemo-nos para receber por aqui estas

estrelas-cadentes,

espíritos que haverão de nos dar muito trabalho - mais trabalho no corpo do que fora dele...

- Ainda bem que não sou candidato a pai...

- E as meninas do "Lar", Inácio, não serão igualmente nossas? E os doentes que as famílias esquecem sob os seus cuidados? E os Cosmes e Damiões,

netos de

tantas Ds. Querubinas que habitam as periferias? E as crianças que crescem nas ruas - escolas gratuitas de delinqüência?!...

- Estou apenas, minha cara, tentando fazer de contas que não tenho nada a ver com isto, mas eu sei... Vejamos o caso de Paulinho. Corta-me o coração

ver esse

rapaz assim. Quando penso no que o espera, recebendo na condição de filho aquele nosso irmão...

- Inácio, falemos baixo - advertiu-me outra vez a companheira de lides mediúnicas no Sanatório.

Os minutos haviam corrido. A conversa, elucidativa, me clareara os raciocínios. Doravante, trabalharia no sentido de cooperar de modo mais efetivo com o espírito

do ex-inquisidor. Eu, que detestava padres, estava sendo compelido a estender a mão ao pior deles. Assim pensando, sorri e caminhei para ver como é que estava

o

meu paciente.

Refeito da crise, eu mesmo destranquei a porta e tirei Paulinho do porão. Passando-lhe o braço sobre o ombro, fui conversando:

- Paulinho, estou pensando em permitir que você faça uma visita à sua mãe... O que você diz? Sente-se preparado?

- Gostaria muito, Dr. Inácio - respondeu-me, aca-brunhado. - Ela não vai poder vir aqui tão cedo. Assim, eu aproveitaria também para ver Mariana...

- Mas você não irá sozinho - expliquei. - Pedirei ao Manoel Roberto que o acompanhe no domingo; irão para o almoço e voltarão antes de escurecer, certo?

- Do jeito que o senhor achar melhor... Estou muito triste; o meu pai está sofrendo muito...

Aquela tosse persistente que por quase uma semana me perturbava não era uma crise de bronquite: era pneumonia; febre, calafrios, dores no corpo, particularmente

à altura dos pulmões... Durante cinco dias eu ficaria de molho na cama, privado do que considerava como sendo o meu único vício - o cigarro -, a tomar antibióticos e antitérmicos.

No sábado, à tarde, piorara e, portanto, não pudera, no domingo, estar no Sanatório dando assistência às visitas e fazendo recomendações a Manoel Roberto, que acompanharia Paulinho a Rufinópolis.

Impossibilitado de sair de casa, sentindo-me extremamente debilitado, pus-me a refletir sobre a fragilidade humana. Caso desencarnasse com aquela pneumonia, como

haveria de me apresentar no Mundo Espiritual? Na verdade, eu ainda nada tinha feito de concreto

em prol da Humanidade. A minha guerra contra os padres cheirava-me a uma disputa pessoal... Será que, de fato, combatia a Igreja por idealismo ou pelo prazer de

exibir nas páginas dos jornais uma cultura acadêmica? Alguém, certa vez, me saudara dizendo: "O grande Dr. Inácio Ferreira!..." Confesso-lhes que me experimentava um tanto envaidecido, todas as vezes que o meu nome era pronunciado com destaque... Se aquela pneumonia, fruto da minha invigilância com o hábito de fumar, me levasse para o Além, qual seria o meu nome para lá das fronteiras da morte? De que me valeria o título de Doutor, em meus precários conhecimentos médicos? No Sanatório, quase tudo girava em torno de mim; que haveria eu de fazer, sem o hospital por ponto de referência?... A minha velha mãe chegara com uma xícara de chá quente, exercendo as funções de enfermeira ao meu lado. - Inácio, meu filho - disse-me, cheia de cuidados -, veja se se emenda; o cigarro é um veneno; lá de casa, posso ouvi-lo tossindo quase a noite inteira; você é médico e está acabando com a própria saúde... Agradei pelo chá e murmurei algumas palavras não concordando com ela, sem, no entanto, desejar contrariá-la. Mamãe morava numa casa nos fundos da minha e, ao seu lado, embora os meus cinquenta e tantos, eu me sentia sempre uma criança. Aquilo me incomodava como, de resto, creio que incomoda muita gente que, de maneira imperceptível, se deixa afastar da simplicidade. Eu estava sempre demasiado ocupado para dedicar à minha mãe a atenção que ela merecia - as minhas atribuições intelectuais no Sanatório, na Maçonaria, nos livros e nas conferências me absorviam... Quando mamãe saiu do quarto, jogando mais uma manta de lã sobre mim, prossegui com as minhas reflexões. Lembrando-me do que dissera André Luiz, que havia sido médico na Terra, sobre o tempo que passou no Umbral, conforme as excelentes narrativas de "Nosso Lar", tive medo - medo do confronto comigo mesmo; eu não era de todo mau, mas, reconheço, um tanto arbitrário em minhas decisões - a minha palavra acabava prevalecendo em tudo; eventualmente, só me curvava aos argumentos de dona Modesta e dos Benfeitores espirituais que se manifestavam por ela; no Sanatório, eu era o chefe, o patrão e, assim sendo, mesmo quando estivesse errado, eu estava certo... Que tolice! Ali estava eu, tremendo na cama, respirando com certa dificuldade e olhando a carteira de cigarros sobre o criado-mudo... Meu Deus, que vontade de acender um pito, um só que fosse, naquela noite! No mesmo instante, pensei nos viciados, naqueles que se tratavam comigo e aos quais eu recomendava força de vontade... Onde é que estava a minha? E os vícios da alma, mais difíceis de serem combatidos? O meu organismo estava impregnado de nicotina... E as mentes impregnadas de maus pensamentos?

Não era de estranhar que, após a morte do corpo, os espíritos não conseguissem a almejada renovação. Mais tarde, como já tive oportunidade de mencionar páginas atrás, o hábito de fumar me custaria um esforço enorme para dele medes-vencilhar no Mundo Espiritual... Não fosse pela bênção do sofrimento, o espírito não despertaria - o descondicionamento mental requisitava o concurso da dor; o hábito de errar induzia o homem a estranho processo hipnótico... Aqueles dias passaram com lentidão. Através de emissários, controlava as coisas no Sanatório. Estando em minha casa duas ou três vezes, dona Modesta me transmitia o passe e eu me sentia melhor. Em uma das ocasiões, o espírito Eurípedes Barsanulfo, que nela se incorporara, me falou: - "Inácio, meu irmão, as vibrações negativas que você vem catalisando, em contato com os seus pacientes, ofereceram campo para a pneumonia. Não acredite que o problema seja oriundo exclusivamente do cigarro. Procure estar mais vigilante. O corpo humano é suscetível de enfermar através dos pensamentos doentios que o homem assimila. Quem lida com os desencarnados, na tarefa da doutrinação, necessita orar com maior frequência. Nunca se acredite dispensado de orar em suas funções de médico e espírita que trata com desequilibrados mentais, no corpo e fora dele." Realmente, eu andava um tanto esquecido da prece; acreditava-me sem necessidade de pedir proteção aos Guias. Contava, de maneira invariável, com a tutela deles; a minha extrema confiança me fizera indiferente à prece, olvidando que a oração é um excelente renovador psíquico. Daquele dia em diante, retomaria, aos pouco, o hábito de orar, exercitando humildade ante os Podres Supremos da Vida. Eu não sei por que, de uma maneira geral, os médicos se julgam dispensados da oração. Creio que deve ser orgulho. Escrevendo contra as Intermináveis ladainhas e os terços, sem perceber, eu perdia contato mais íntimo com Deus - aquele contato que, deveras, somente a oração proporciona ao crente. No outro sábado, já de pé e podendo dirigir, cheguei de improviso ao Sanatório, logo pela manhã. A tosse [licomodativa] persistia, mas eu precisava respirar. Assim que cheguei, Manoel Roberto me inteirou dos últimos acontecimentos. Naquela confusão de gente gritando e conversando sozinha, dando tapas e socos nas paredes, andando pelos corredores em constante vaivém, estava tudo em ordem - o Sanatório continuava sendo um sanatório! Menos mal. Como é lento, meu Deus, o processo de mudança!... Eu não tinha esperança de que a maioria dos internos viesse a se curar na presente reencarnação. Permanecíamos de sentinela, o



tempo todo, na expectativa da Graça Divina.

Na primeira oportunidade, solicitei ao valoroso Manoel Roberto que relatasse, de maneira sucinta, a visita que, na companhia de Paulinho, efetuara a Rufmópolis.

- Dr. Inácio - disse-me sem, no entanto, economizar palavras -, dona Maria das Dores está completamente fora de si. Ela olhava para o filho, mas tenho a impressão de que não o reconhecia; não dizia coisa com coisa; a todo momento pedia água ao esposo e urinava na cama, em seguida... Das queimaduras está bem, mas mentalmente...

O Sr. Juliano, não podendo arredar pé de casa, está descuidando do sítio; o mato cresce em volta da casa... Quem está cozinhando e dando uma mão para

o casal é a

avó de Mariana, dona Josefina. A menina também tem cooperado na limpeza da casa e o tempo todo ficou ao lado do Paulinho...

- E Paulinho, como se comportou? - indaguei, indo ao centro da questão que me interessava.

- Comportou-se bem; apenas, quando estávamos de saída para cá, perguntou-me se não podia ficar... Ele está triste, amuado. Tenho procurado conversar mais

um pouco com ele, mas todos os dias pergunta pelo senhor. Eu não sei, mas, para mim, dona Das Dores não demora a deixar este mundo. Conversando com dona Josefina,

notei-a bastante preocupada com o futuro da neta e do Paulinho; penso que os dois não demoram a se casar, pois ambos só têm um ao outro...

Saindo do consultório, caminhei na direção do jardim onde Paulinho dava acirrado combate ao mato. Ao me avistar, sorriu um tanto sem graça e me cumprimentou:

- Olá, Dr. Inácio! O senhor está melhor da pneumonia?...

- Estou um pouco mais forte - respondi, tentando dissimular a fraqueza nas pernas. - Como é que estão as coisas na fazenda?

- Não estão bem, Doutor. Eu preciso ficar bom depressa; a mamãe está cada vez pior e o papai desorientado... Preciso receber alta logo - esclareceu

o rapaz.

- Não vai demorar, Paulinho; tenhamos paciência... Você, não estando cem por cento, não adianta; se-i La uma preocupação a mais para o seu pai.

E Mariana?

indaguei, com o propósito de animá-lo.

- A Mariana está bem, Doutor. Queremos ficar noivos; conversei com dona Josefina e ela não se opôs.

Apenas disse que estamos muito jovens, mas admitiu que ela mesma se casou aos treze na idade; na roça a gente casa mais cedo que o pessoal da cidade...

- Para quando será o noivado?...

- Assim que eu receber alta e tiver dinheiro para as alianças; o papai disse que me dá a sua e dona Josefina a dela para a Mariana, mas nós não queremos...

Os meus olhos encheram-se de lágrimas que, a custo, impedi que caíssem. Com discreto aceno de mão, interrompi a conversa e fui para a cozinha tomar um café

misturado

com banha de galinha - receita da nossa cozinheira para que o catarro preso se me libertasse dos pulmões - receita mais eficaz, confesso-lhes, que as minhas prescrições

de médico sem muita convicção...

Após o café, pedi a Manoel Roberto, o Enfermeiro-Chefe, que me levasse a casa - uma certa vertigem me tirava o equilíbrio e tive receio de dirigir sozinho.

A custo, tomei o caldo quente que dona Maria, minha mãe, preparara; eu ainda não estava livre da tosse, mas, não resistindo à tentação, contrariando

ordens médicas

e maternas, acendi um cigarro escondido, trancan-do-me na biblioteca para fumá-lo...

Tirando do bolso pequena coleção de chaves, comecei a abrir gavetas que de muito estavam trancadas, sem saber com exatidão o que procurava.

Aquela poeira não

me

fazia bem, mas a fumaça do cigarro descontaminava" aquilo tudo...

Revirei papéis, cartas que deveria ter rasgado havia muito tempo, antigos blocos de receituário, até que,

nos fundos de uma gaveta me deparei com o que o meu subconsciente buscava. Abrindo pequeno estojo de metal, retirei dele uma caixinha recoberta com veludo vermelho;

Elas estavam ali, intactas, segundo os meus cálculos de quase trinta anos - um par de alianças de ouro!...

De imediato, veio-me à memória a figura daquela mulher que conhecera num lupanar, nos meus tempos de boêmia - terno branco, chapéu branco na cabeça, cigarro

na boca,

anel de formatura no dedo... Eu me apaixonara por ela - perdidamente, me apaixonara por ela. Propus-lhe casamento, mas, como ela morasse no Rio, não pudemos concretizar

o sonho que, acredito, era mais meu do que dela. Nunca mais nos vimos; trocamos algumas cartas, no entanto, em sua derradeira missiva, ela me contou que estava doente

dos pulmões: os médicos suspeitavam de tuberculose. Quase seis meses depois, não obtendo resposta às cartas que eu lhe endereçara, chegou-me correspondência

de uma

amiga sua dando--me ciência de que, infelizmente, ela desencarnara; a tuberculose fora galopante...

Nunca mais pensei em casamento, vindo, no entanto, a me casar mais tarde, sem ter coragem de usar aquele mesmo par de alianças que guardava, em segredo, como recordação

da jovem que eu conhecera num prostíbulo - longos cabelos castanhos que lhe caíam em caracóis sobre os ombros, olhos tristes e expressivos, lábios desmaiados

e sorriso

singular - para mim, a figura de Maria de Magdala!

Limpei o par de alianças com álcool, passei Kahol,

tentando recuperar-lhe o brilho, feliz, por, finalmente, ter encontrado um destino para elas. No momento oportuno, eu as daria a Paulinho e Mariana, torcendo para

que aqueles dois jovens fossem tão felizes quanto eu não pudera ser.

Coloquei a caixinha de veludo na gaveta, tranquei--a com cuidado e subi para o meu quarto, procurando o aconchego solitário da minha cama, repleta de travesseiros

e almofadas.

Dormi a tarde inteira e devo ter tido sonhos maravilhosos, pois, quando acordei, estava com outra disposição - mais leve, sem tanta dificuldade para respirar

e com

uma fome de cão. Mamãe veio, à hora do jantar, com o caldo quente do almoço, mas eu lhe pedi:

- Quero bife, mamãe; estou querendo comer um bom prato de arroz com feijão e carne...

Para horror dos vegetarianos, era assim que eu acabaria de me recuperar da pneumonia!